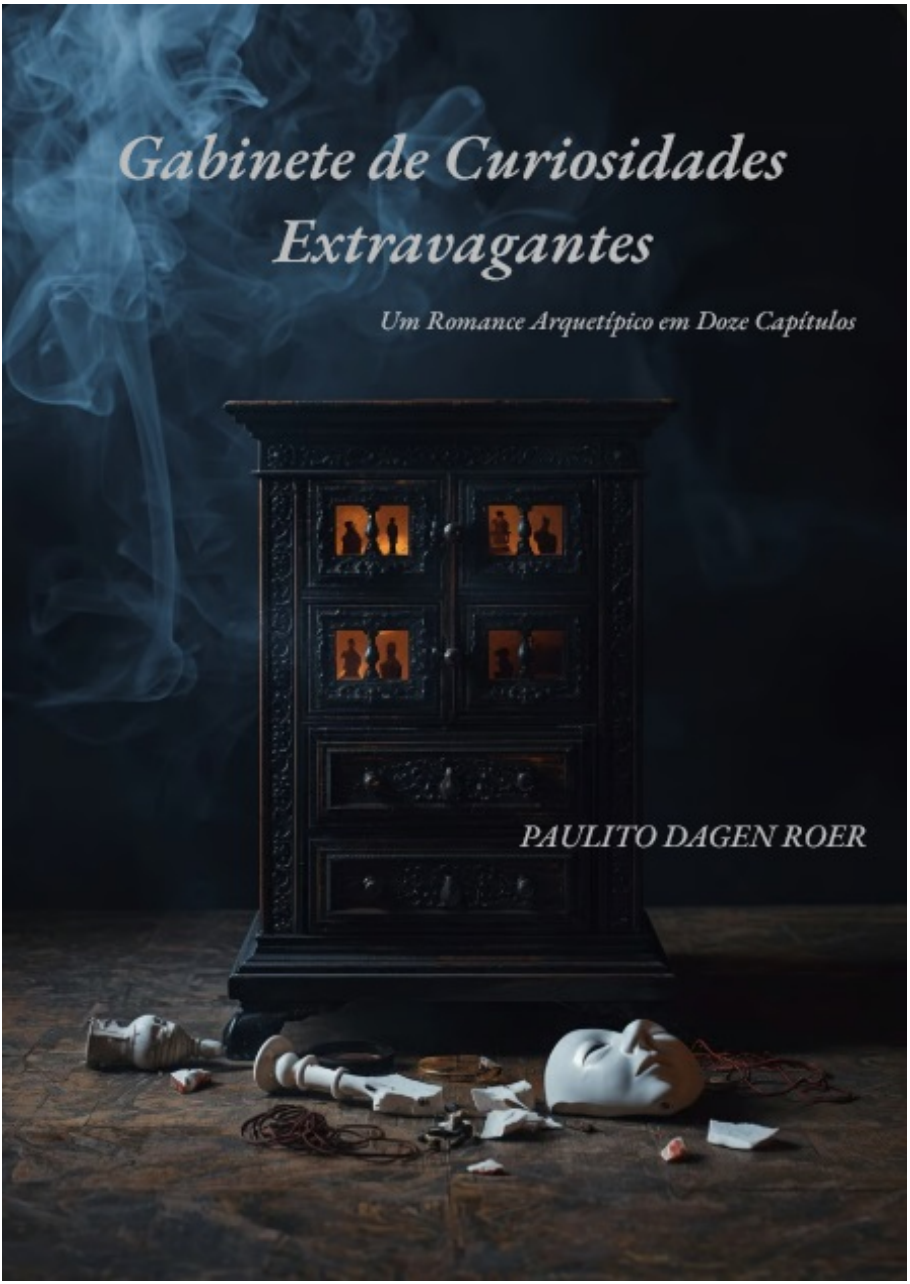
Gabinete de Curiosidades Extravagantes

Um Romance Arquetípico em Doze Capítulos



PAULITO DAGEN ROER

GABINETE DE CURIOSIDADES EXTRAVAGANTES

GABINETE DE CURIOSIDADES EXTRAVAGANTES

Um Romance Arquetípico em Doze Capítulos

PAULITO DAGEN ROER

BARRETOS

2026

Gabinete de Curiosidades Estravagantes
© 2026 PAULITO DAGEN ROER

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, armazenada ou transmitida por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, sem autorização prévia do autor, excetuados os casos previstos em lei e breves citações para fins de estudo, crítica ou divulgação da obra.

Primeira edição — 2026

Texto: Paulito Dagen Roer

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Composição e tipografia: EB Garamond Medium 12pt (Corpo) / 9pt (Epígrafes).
Cenário Psicológico baseado nos preceitos da Psicologia Analítica de Carl G. Jung.

Projeto gráfico e capa: Yanice Sídis
Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prólogo — O Toque do Trompete e o Gesto de Mão
Capítulo 1 — O Verniz Rachado e o Eco deBronze 01
Capítulo 2 — O Colapso das LinhasRacionais 15
Capítulo 3 — O Alambique de Goethe e o Vapor da Rua 27
Capítulo 4 — Os Tambores do Tempo e o Alfabeto do Corpo..... 39
Capítulo 5 — As Mil Portas do Gabinete 53
Capítulo 6 — O Guardião de Cinzas e o Espelho Convexo 61
Capítulo 7 — O Desprezo de Vidro e a Sociedade de Plástico 71
Capítulo 8 — As Gavetas Sem Fundo e o Terceiro Guia 81
Capítulo 9 — O Casamento Alquímico e a Dança dos Opostos.....91
Capítulo 10 — O Jogo de Xadrez das Mil Almas 99
Capítulo 11 — O Tribunal dos Imortais e a Sentença do Riso.....113
Capítulo 12 — A Sinfonia do Riso e o Retorno do Lobo 123
Epílogo — O Inventário do Novo Dia 133
Nota do Autor — O Tabuleiro Invisível 135

Prólogo

O Toque do Trompete e o Gesto de Mão

O mundo dos homens de negócios não tolera o erro, porque o erro desvaloriza a mercadoria. Naquela noite de outono, o salão neoclássico exalava a segurança estéril que o dinheiro proporciona. As joias legítimas brilhavam sob as luzes artificiais e as conversas ensaiadas flutuavam pelo ambiente como notas de uma melodia previsível e sem alma. Teodoro ajustou o colarinho diante do espelho rococó, sentindo o peso do terno de gala que agia como uma armadura para a sua Persona polida. Ele conhecia o preço de cada relíquia ali disposta, mas desconhecia o valor da sua própria existência.

Foi quando a síncope do lado de fora aconteceu. O vidro da varanda tremeu com o sopro indomável de um trompete de jazz e a batida crua de mãos nuas contra o ferro. Ao abrir as portas para a tempestade, ele viu o convite da calçada molhada: a dança descalça de Aura e a pulsação matemática de Caleb. Ela olhou para o alto, enxergou o homem enjaulado em sua própria erudição e fez o gesto de mão definitivo.

Aquele chamado foi o início da rachadura. O martelo do leilão estava em seus dedos longos, mas a gravidade da sua mente já operava a favor dos porões. O Gabinete de Curiosidades Extravagantes estava prestes a abrir a sua primeira gaveta trancada, e Teodoro percebeu, com um arrepio que lhe correu a espinha, que nenhuma sonata de Bach seria capaz de conter o fluxo da água que subia do beco.

Capítulo 1

O Verniz Rachado e o Eco de Bronze

> *"Duas almas, ai de mim, habitam no meu peito, e uma da outra quer se separar; uma, em apego de amor robusto, prende-se ao mundo com órgãos tenazes; a outra eleva-se poderosamente da poeira em direção aos campos dos nobres antepassados."*
> *— Johann Wolfgang von Goethe, Fausto**

O silêncio que Teodoro tanto perseguia nunca era absoluto; era apenas um intervalo compartilhado com o barulho dos outros. Naquela noite, no salão principal do casarão neoclássico da Galeria Alencastro, o barulho era revestido de ouro, seda e o tilintar discreto de taças de cristal de baccarat. Teodoro ajustou o nó da gravata borboleta em frente ao espelho de moldura rococó do vestíbulo. Olhou para as próprias feições: os cabelos castanhos impecavelmente penteados para trás, o terno sob medida que ocultava a rigidez de seus ombros, os olhos cinzentos que haviam aprendido, ao longo de duas décadas, a olhar para as maiores obras de arte do mundo sem revelar qualquer vislumbre de emoção. Ele era o avaliador-chefe. O homem cujo veredito transformava um pedaço de tela esquecido em

um tesouro dinástico, ou reduzia uma relíquia de família ao status de lixo decorativo.

Para a elite que começava a ocupar as fileiras de cadeiras estofadas em veludo carmesim, Teodoro era uma extensão dos próprios objetos que catalogava: frio, preciso, aristocrático e imutável. Ninguém ali imaginava que, sob o verniz daquela postura cirúrgica, operava um mecanismo de demolição.

"Olhe para a esquerda, Teodoro", sussurrou a voz em sua mente. Era o Sarcástico, sua metade selvagem, a criatura que habitava as sombras de sua racionalidade. "Veja o barão. O sujeito não sabe a diferença entre uma gravura de Rembrandt e uma mancha de café na parede, mas está pronto para assinar um cheque de seis dígitos apenas para que os outros pensem que ele possui uma alma. Por que você não sobe naquele púlpito e avisa que o vaso da dinastia Ming que eles tanto cobiçam foi colado no ano passado em um porão no subúrbio?"

Teodoro fechou os olhos por um breve segundo, respirando

metodicamente. Exercitava o autocontrole como quem estica uma corda de piano até o limite da ruptura. Ele amava a ordem. Encontrava seu único alento na arquitetura matemática das sonatas de Bach, na pureza da poesia que não exigia respostas e no isolamento de seu escritório, onde os mortos — os pintores e escultores do passado — eram companheiros muito mais dignos do que os vivos. Sua profissão era o disfarce perfeito: permitia-lo circular entre as pessoas, falar com elas, ditar o gosto delas, sem nunca, de fato, relacionar-se com nenhuma delas. Ele era um fantasma culto servindo a burgueses vazios.

O leilão beneficente estava prestes a começar. O relógio de carrilhão francês no fundo do salão bateu as nove badaladas da noite. O som do bronze ecoou pesado, mas, para Teodoro, aquele eco parecia estranhamente oco, como se toda a realidade ao seu redor fosse feita de papelão pintado. Ele caminhou em direção ao púlpito de madeira nobre, segurando o pequeno martelo de marfim entre os dedos longos. A plateia silenciou instantaneamente. O conforto vazio daquela sala o sufocava. Cada joia

brilhando sob o lustre de cristal parecia uma pequena engrenagem de uma máquina projetada para esmagar qualquer resquício de vida autêntica.

Foi quando o vidro da grande varanda que dava para o beco dos fundos tremeu.

Não foi um tremor causado pelo vento ou pelo trovão da tempestade que desabava lá fora. Foi uma vibração de frequência diferente. Um som estridente, rasgado, agudo e absurdamente livre: um trompete de jazz. A melodia não seguia a geometria sagrada de Bach; ela serpenteava pelo ar como uma serpente de fogo, desafiadora, errática, quase vulgar em sua intensidade. Juntamente com o sopro, surgiu uma pulsação percussiva. Não era o metrônomo rígido que Teodoro usava para marcar seu tempo, mas uma batida visceral, um batido de mãos nuas contra o metal que parecia ecoar direto do centro da terra.

O salão burguês pareceu congelar em uma careta de desconforto. Alguns convidados murmuraram, incomodados com a intrusão da "rua" naquele templo de

exclusividade. Teodoro, no entanto, largou o martelo sobre a mesa. O som fizera algo rachar dentro dele. Como se fosse puxado por um cabo invisível, ele deu as costas ao público e caminhou em direção à sacada de ferro forjado.

Ao abrir as portas de vidro, o ar úmido e o cheiro de ozônio e asfalto molhado atingiram seu rosto. Lá embaixo, no beco escuro iluminado apenas pela luz âmbar de um poste público, o mundo real acontecia.

Sob a chuva fina, uma mulher dançava. Ela usava um vestido fluido de tons indefinidos que parecia absorver a escuridão e a água. Era Aura. Ela não seguia passos coreografados; seus movimentos nasciam do próprio ritmo, os pés descalços desafiando o chão frio, os braços desenhando formas invisíveis no ar. Ela exalava a essência dos prazeres simples e esquecidos: a alegria do corpo que se move apenas porque está vivo, o riso que não precisa de justificativa intelectual. Ao lado dela, sentado sobre um latão de ferro invertido, estava Caleb. Ele batia no metal com uma precisão hipnótica. Seus olhos estavam fechados, o rosto voltado para o céu escuro, ditando a pulsação daquela noite

com as palmas das mãos e os nós dos dedos. Caleb não pensava o ritmo; ele era o próprio ritmo.

Aura completou um giro rápido. O tecido de seu vestido chicoteou o ar salpicado de chuva. No ápice do movimento, ela jogou a cabeça para trás e olhou para cima. Seus olhos encontraram os de Teodoro na varanda alta. Ela não viu o avaliador de arte respeitável; ela viu o homem aprisionado em seu terno de gala, o homem que morria de sede diante de um oceano de teorias. Aura soltou uma risada cristalina, irônica e profundamente acolhedora. Ela estendeu a mão direita em direção a ele, num gesto claro de convocação.

"Vá", incitou o Sarcástico na mente de Teodoro, mudando o tom de cinismo para uma urgência desesperada. "Deixe que eles fiquem com os vasos colados. Desça e quebre os ossos dessa sua rigidez".

Teodoro sentiu o peito arder. A razão ordenava que ele voltasse para o salão, batesse o martelo e garantisse o seu conforto vazio. O instinto, contudo, clamava pela chuva.

Ele colocou as mãos sobre o parapeito de ferro, sentindo o metal frio contra as palmas suadas.

Neste exato momento de hesitação, a realidade começou a se comportar de maneira anômala. Quando Teodoro olhou para trás, para o salão da galeria, as luzes dos lustres começaram a oscilar e a empalidecer, transformando-se em chamas de velas antigas. O teto alto de gesso pareceu recuar para o infinito, e as fileiras de cadeiras de veludo começaram a dar lugar a imensas estantes de madeira escura, repletas de frascos de vidro, autômatos mecânicos parados no tempo, espelhos convexos e gavetas numeradas que se estendiam até onde a vista não alcançava. O salão de leilões estava sumindo, sendo engolido pelas paredes do seu próprio inconsciente. O Gabinete de Curiosidades Extravagantes estava se abrindo à força, misturando o mundo real com a sua arquitetura mental.

Teodoro estava no limite entre dois mundos: o salão que desmoronava em visões e o beco sob a chuva onde Aura o esperava.

O ar frio da tempestade que açoitava a sacada parecia o único elemento sólido em um universo que se desfazia. Atrás de Teodoro, o som dos lances do leilão e o tilintar das taças de cristal haviam se transformado em um sussurro arrastado, como o de folhas secas sendo varridas pelo vento em um cemitério abandonado. As paredes de gesso da Galeria Alencastro continuavam a recuar, esticando-se em direção a uma penumbra impossível, enquanto as estantes de carvalho do Gabinete de Curiosidades brotavam do chão, desalojando as cadeiras de veludo e os burgueses engravatados.

Lá embaixo, Aura continuava a dançar. A chuva parecia moldar-se ao redor de suas formas, e Caleb, imperturbável sobre o latão de ferro, mantinha o compasso sincopado que fazia o osso esterno de Teodoro vibrar. O convite nos olhos daquela mulher não era um apelo romântico; era um ultimato existencial.

"O que você está esperando, seu covarde acadêmico?", sibilou o Sarcástico, rindo de dentes cerrados dentro de sua cabeça. "Vai esperar que o próximo lote seja a sua própria

certidão de óbito assinada em letras douradas? Pule. Caia. Deixe que a gravidade decida o que sobrou de você."

Teodoro apertou o parapeito de ferro forjado até que os nós de seus dedos ficassem brancos. O intelectual cético, o homem que passara os últimos vinte anos classificando o mundo em séculos, estilos e catálogos rigorosos, viu-se diante do abismo da perda de controle. A razão lhe dizia que saltar daquela altura, em um beco escuro, era uma insanidade física. Mas a razão já não governava o salão atrás de si, onde os lustres de cristal agora pendiam de correntes que subiam a uma altura de catedrais góticas, iluminando potes de vidro que guardavam espécimes biológicos disformes e manuscritos medievais que Teodoro julgava perdidos no incêndio de Alexandria.

Ele escolheu a chuva.

Num impulso que contrariou cada linha de sua formação puritana e calculista, Teodoro forçou o corpo sobre o metal frio da sacada. Ele soltou os pés do chão de mármore da galeria e lançou-se no vazio do beco, buscando o asfalto,

buscando o cheiro de ozônio, buscando os pés descalços de Aura.

O impacto, contudo, não veio na forma de dor ou de osso partido contra o chão.

No instante em que seu corpo cruzou a linha arquetípica entre o espaço interior do casarão e o espaço exterior da noite, a gravidade mudou de eixo. A queda livre não o levou para baixo, mas para dentro. O beco escuro esticou-se verticalmente como uma pintura expressionista cujas tintas ainda estivessem frescas. O asfalto molhado abriu-se em uma fenda líquida, e Teodoro percebeu, com um misto de terror e deslumbre, que estava caindo através de uma das gavetas monumentais do seu próprio Gabinete de Curiosidades.

Ele despencou em câmera lenta por um poço de silêncio e poeira suspensa. Ao seu redor, flutuavam objetos de sua própria história e fragmentos de uma cultura que ele idolatrava: edições raras de poemas de Hölderlin cujas páginas se desfolhavam como asas de mariposas mortas;

partituras originais de Bach onde as notas musicais se desprendiam do papel e flutuavam no vácuo como formigas pretas; bustos de mármore de filósofos estoicos cujos rostos esculpidos rachavam e sorriam de forma zombeteira para ele.

"Bem-vindo à sua própria arquitetura, avaliador", ecoou a voz do Sarcástico, agora mais nítida, vinda de algum lugar nas costelas de Teodoro. "Você passou a vida precificando a alma dos outros. Agora, vamos ver quanto vale a sua no mercado negro do inconsciente."

Quando seus pés finalmente tocaram uma superfície sólida, o som que se ouviu foi o estalo seco de solas de couro contra um assoalho de madeira maciça e antiga. O cheiro de chuva e asfalto havia desaparecido completamente, substituído pelo aroma denso de cera de abelha, papel envelhecido e o odor metálico de engrenagens oleadas.

Teodoro restabeleceu o equilíbrio e olhou ao redor. O terno de gala ainda estava em seu corpo, mas a gravata borboleta havia sumido; seu colarinho estava aberto. Ele não estava

no beco. Estava no centro de um corredor circular que parecia não ter fim, cercado por paredes que subiam a dezenas de metros, compostas inteiramente por nichos, escaninhos e gavetas de madeiras exóticas — ébano, jacarandá, marfim.

O silêncio do lugar era interrompido apenas pelo tique-taque dessincronizado de milhares de relógios de bolso suspensos por fios invisíveis no teto alto. Cada relógio corria em uma velocidade diferente, destruindo qualquer noção de tempo cronológico. Teodoro estava preso no coração do seu desmembramento psíquico. O homem único era, na verdade, um depósito infinito de antiguidades vivas.

À sua frente, a cerca de dez passos de distância, havia uma escrivaninha de jacarandá iluminada por uma única lamparina de óleo. Sobre a mesa, repousava um cravo — o antepassado do piano — com as teclas amareladas pelo tempo. Sentada diante do instrumento, de costas para Teodoro, estava uma figura vestindo uma casaca escura do século XVIII e uma peruca branca empoeirada. Os dedos da figura moviam-se sobre as teclas em um silêncio

absoluto, pois nenhum som saía do instrumento.

Teodoro sentiu um calafrio que não vinha do frio, mas do reconhecimento. A geometria daqueles ombros, a precisão matemática do movimento dos braços vazios... era a representação espectral de tudo o que ele usava como escudo contra o mundo.

A figura parou de mover os dedos. O silêncio do Gabinete pareceu condensar-se ao redor da escrivaninha. Sem pressa, o espectro começou a virar a cabeça em direção a Teodoro.

Capítulo 2

O Colapso das Linhas Racionais

> *"Onde há música devota, Deus está sempre presente com sua graça generosa. A música deve buscar apenas a harmonia universal e o refrigério do espírito; onde isso não é observado, não há música real, mas sim uma algazarra infernal."*
> *— Johann Sebastian Bach, Preceitos e Princípios para Jogar o Baixo Contínuo*

O tempo no corredor circular não passava; ele se acumulava nas frestas das paredes como poeira secular. Teodoro deu o primeiro passo em direção à escrivaninha de jacarandá. O estalo seco de seus sapatos de couro no assoalho de madeira maciça ecoou para cima, reverberando pelas estantes infinitas do Gabinete de Curiosidades Extravagantes que subiam até perder-se na penumbra. À medida que ele se aproximava da figura imóvel vestida com a casaca escura do século XVIII, o tique-taque dos milhares de relógios de bolso suspensos por fios invisíveis no teto alto começou a desacelerar de forma síncrona. Os ponteiros de metal, que antes corriam em velocidades caóticas e dessincronizadas, travaram todos ao mesmo

tempo no mesmo segundo inexistente. O silêncio que se instalou foi tão denso que Teodoro podia ouvir o chiado do óleo queimando lentamente no pavio da única lamparina sobre a mesa.

A figura não esboçou qualquer movimento. Seus dedos longos, pálidos e magros permaneciam pousados com leveza sobre o teclado amarelado do cravo silencioso, cujas teclas pareciam feitas de marfim gasto pelo uso de séculos.

"Aproxime-se do mestre, avaliador", murmurou o Sarcástico, aninhado na base do crânio de Teodoro como um parasita irônico que se alimentava de suas dúvidas. "Veja com seus próprios olhos o que acontece com os homens que trocam o sangue pela tinta nanquim e pela geometria perfeita das regras. Eles não viram deuses, Teodoro. Eles viram mobília cara de colecionador burguês."

Teodoro ignorou a provocação interna, embora sentisse o suor frio escorrer pelo pescoço agora desalinhado e livre da gravata borboleta. O respeito reverencial que sempre cultivara pela figura mítica de Johann Sebastian Bach,

cujas sonatas usava como um escudo matemático contra a vulgaridade do mundo exterior, transformava-se agora em uma rigidez paralisante que travava suas articulações. Ele parou a apenas dois passos da escrivaninha. A iluminação fraca da lamparina projetava a sombra da casaca escura contra as gavetas de ébano da parede traseira, esticando-a até o teto como um espectro gigante que vigiava seus pensamentos.

— Mestre? — a voz de Teodoro saiu pastosa, quase sem ar, ecoando de forma artificial naquele espaço confinado.

A figura começou a virar a cabeça em sua direção. O movimento, contudo, não tinha a fluidez natural da carne, dos tendões e do osso. Havia um som sutil, um rangido seco e compassado de engrenagens diminutas e eixos oleados agindo por trás do colarinho alto de renda branca. Quando o rosto finalmente emergiu da penumbra e ficou sob o foco da luz âmbar da lamparina, Teodoro deu um passo involuntário para trás, sentindo o coração bater contra as costelas como um animal enjaulado que pressente o perigo.

O rosto que o encarava de sob a peruca empoeirada tinha os traços severos, o queixo quadrado e a testa proeminente que as gravuras históricas atribuíam a Bach. No entanto, a pele não tinha poros, calor ou sangue; era feita de porcelana fria, polida e sem imperfeições, pintada com uma precisão cirúrgica. E os olhos... os olhos cinzentos e fixos não pertenciam ao compositor alemão do século XVIII. Eram os olhos do próprio Teodoro. Era a sua própria fisionomia, congelada em uma expressão de desdém aristocrático, amargo e imutável. Era o reflexo tridimensional de sua própria Persona intelectual.

A boca de porcelana do autômato abriu-se em um ângulo estritamente geométrico. Não havia dentes, língua ou palato ali dentro; na escuridão da boca da criatura, Teodoro pôde ver o brilho sutil de pequenas rodas dentadas de bronze que giravam velozmente em sentidos opostos. Quando a criatura falou, o som não veio de cordas vocais humanas; era uma ressonância metálica, fria e rítmica, como se uma agulha de aço arranhasse a superfície de um cilindro de metal antigo.

— Você trouxe o barulho da rua para o santuário, Teodoro — disse o autômato-Bach, mantendo as pupilas fixas e sem piscar uma única vez. — Você permitiu que a síncope vulgar e o ritmo imundo do asfalto molhado quebrassem o contraponto sagrado que passamos a vida inteira construindo. A razão pura não tolera o improviso. O caos da vida não pode ser convidado para entrar na biblioteca.

Teodoro olhou para as mãos do autômato que repousavam sobre o cravo. As articulações dos dedos eram pequenas esferas de metal conectadas por pinos minúsculos. A criatura ergueu a mão direita com um estalo mecânico e bateu com o indicador de porcelana contra o tampo do instrumento. O impacto produziu uma nota pura, absurdamente aguda e perfeitamente afinada: um Dó central que vibrou pelo corredor como uma lâmina de vidro.

— Nós construímos esta fortaleza para você — continuou o espectro mecânico, e a ressonância de sua voz parecia vir de dentro de cada uma das milhares de gavetas numeradas das paredes ao mesmo tempo. — Protegemos você da

mediocridade dos homens comuns e do calor asqueroso dos sentimentos simples que desorganizam o pensamento. Demos a você as sonatas, as regras da estética, o catálogo e o distanciamento. E agora você flerta com uma mulher descalça na lama de um beco escuro? Você quer destruir a sua dignidade em troca de um ritmo vulgar?

"A lógica dele está esmagando você, seu idiota!", gritou o Sarcástico, abandonando o tom de deboche e assumindo uma urgência física que tensionava os tendões dos braços de Teodoro. "Ele tem o seu rosto porque ele é a sua mentira mais bem decorada. Ele é o muro que você ergueu para não ter que viver. Vai aceitar morrer soterrado por partituras antigas e poeira acadêmica?"

Teodoro encontrava-se em uma encruzilhada psicológica devastadora. Uma parte substancial de seu ser — o esteta orgulhoso que desprezava o conforto vazio e a hipocrisia da sociedade moderna — concordava plenamente com o autômato de porcelana. Ele passara a vida inteira acreditando que a arte erudita e o isolamento intelectual eram os únicos escudos possíveis contra a decadência e a

vulgaridade do mundo. Mas o eco do trompete de Aura ainda ardia em seus ouvidos. O ritmo que Caleb batucava no latão de ferro não era mero barulho; era vida condensada, uma pulsação visceral que a porcelana daquele espectro mecânico jamais conseguiria compreender ou reproduzir.

O cravo diante do autômato começou a vibrar por conta própria, sem que os dedos de metal tocassem as teclas. Os blocos de marfim amarelado passaram a subir e descer freneticamente, executando uma fuga de Bach complexa, matemática e veloz. O som produzido, contudo, não continha nenhuma beleza ou transcendência espiritual. Era uma melodia estrita, gélida, uma cascata de notas cirurgicamente perfeitas que pareciam projetadas para sugar o ar do corredor e congelar o sangue nas veias de Teodoro. As estantes ao redor começaram a tremer e a avançar em simpatia com a frequência da música. Teodoro olhou para os lados e viu que os imensos armários de jacarandá estavam se inclinando perigosamente para a frente. Livros raros encadernados em couro desabavam das

prateleiras superiores, abrindo-se no ar como aves mortas, e os milhares de relógios suspensos começaram a balançar como pêndulos enfurecidos, os vidros de seus mostradores trincando e estilhaçando um a um sob a pressão daquela atmosfera inumana. O Gabinete estava se fechando sobre ele, estreitando o corredor, tentando esmagá-lo sob o peso de suas próprias certezas acadêmicas.

O intelectual puritano em Teodoro desmoronou diante do pânico do sufocamento iminente. O peso de trinta anos de repressão emocional, de polidez forçada em salões de leilão, de sorrisos ensaiados para burgueses vazios e de sentimentos trancados a sete chaves concentrou-se repentinamente em seus punhos. O instinto selvagem, a força crua do Sarcástico que ele tanto temia, assumiu o controle de seus músculos.

Com um rugido primal que rasgou sua garganta e desfez qualquer resquício de sua Persona polida, Teodoro avançou violentamente sobre a escrivaninha de jacarandá. Ele não utilizou palavras ou argumentos lógicos; utilizou o peso do próprio corpo. Suas mãos agarraram com força a lateral de madeira do cravo antigo e, aplicando um impulso que ele

não julgava possuir em seus braços de burocrata, tombou o instrumento para o lado com um estrondo monumental.

O cravo bateu contra o assoalho com violência. As cordas de aço internas arrebentaram em uma série de estalos agudos que soaram como disparos na penumbra do corredor circular. O tampo de madeira nobre rachou de ponta a ponta, e o autômato de porcelana foi arremessado contra o chão de madeira.

No instante exato em que a música gélida parou, o movimento sufocante das estantes cessou imediatamente. O silêncio retornou ao Gabinete, pesado, espesso e estagnado como poeira que se assenta após uma explosão.

Teodoro permanecia de pé, arfando pesadamente, os cabelos desfeitos caindo sobre a testa úmida, as palmas das mãos arranhadas e sangrando discretamente por causa das lascas da madeira partida. Ele olhou para baixo. O autômato-Bach estava completamente despedaçado. A cabeça de porcelana que ostentava suas próprias feições havia se partido em dezenas de fragmentos brancos e ocos

espalhados pelo chão, revelando o seu verdadeiro interior: não havia cérebro, carne ou espírito ali dentro, apenas um emaranhado complexo e frio de molas de aço recolhidas, eixos de ferro tortos e pequenas engrenagens de latão que giravam lentamente com um clique residual, até pararem por completo. Sua grande barreira racional estava reduzida a sucata mecânica.

Contudo, o impacto violento do pesado instrumento contra o solo fizera algo mais. Logo abaixo de onde o cravo repousava, uma grande tábua do assoalho de jacarandá havia cedido e se quebrado, revelando uma abertura retangular escura e profunda. Não era um buraco comum na estrutura do edifício mental; dali de dentro subia um calor úmido, o aroma inconfundível de fumaça de tabaco de rolo barato, o odor tátil do suor de corpos humanos em movimento e o eco distante, mas perfeitamente nítido e pulsante, de uma linha de contrabaixo acústico.

Uma nova gaveta daquela mente trancada havia sido arrombada pela violência do instinto selvagem. E os degraus invisíveis daquela fenda davam diretamente para

os subterrâneos da vida que ele tanto tentara ignorar.

Capítulo 3

O Alambique de Goethe e o Vapor da Rua

> *"O homem que não sabe tirar proveito de três mil anos de história vive na obscuridade, dia após dia, sem saber de onde vem nem para onde vai."*
> *— Johann Wolfgang von Goethe, Divã Ocidento-Oriental*

O calor que subia pela fenda do assoalho tinha a textura do veludo velho e a urgência de uma fornalha há muito tempo abafada. Teodoro, ainda com as palmas das mãos apoiadas nas lascas de madeira do cravo que acabara de destruir, sentiu o ar frio, estático e empoeirado do corredor circular ser violentamente empurrado por uma lufada de fumaça azulada. Era uma névoa densa, pesada, que trazia consigo o cheiro adocicado de tabaco de rolo, o odor forte de cerveja barata destilada artesanalmente e o calor tátil do suor de corpos humanos em pleno atrito. O eco do contrabaixo acústico, que antes parecia apenas uma batida distante nas bordas de sua audição, agora preenchia o espaço como um pulso arterial, fazendo as tábuas de jacarandá sob seus pés vibrarem ritmadamente. O

Gabinete havia cedido. O verniz de sua erudição isolada e asséptica fora trincado pela força bruta de seu próprio punho, e a queda do autômato abrira um portal definitivo para os porões de sua psique.

"Você tem boa pontaria para um sujeito que passou os últimos trinta anos carregando apenas catálogos e lupas de aumento", zombou o Sarcástico, limpando a poeira invisível dos ombros do paletó de Teodoro dentro de sua cabeça. "Mas não fique aí parado com essa cara de espanto admirando o estrago da porcelana. A música lá embaixo não vai esperar você terminar o seu inventário de ruínas. Desça antes que o gesso da sua mente se feche outra vez."

Teodoro aproximou-se da abertura retangular. Ele não sentia medo do escuro; sentia, na verdade, uma vertigem provocada pela pressa absurda de uma juventude que ele nunca se permitiria viver, uma fome de realidade que suas sonatas matemáticas haviam apenas camuflado. Ele acomodou os pés na borda da madeira partida, sentindo o vazio abaixo de si. Segurando-se nas vigas de sustentação expostas, cujas superfícies estavam cobertas por uma resina

áspera, ele desceu em direção à penumbra de onde emanava o som visceral do contrabaixo.

Seus sapatos de verniz, antes impecáveis e agora salpicados pela lama e pelos resíduos do asfalto mental, tocaram um chão firme de terra batida e cascalho miúdo. Ao redor dele, a escuridão não era o vazio metafísico do inconsciente isolado, mas a atmosfera densa e acolhedora de uma taverna subterrânea que parecia existir completamente fora do mapa urbano e do tempo cronológico. O teto era baixo, sustentado por arcos maciços de tijolos rústicos enegrecidos pela fuligem antiga de dezenas de lamparinas a óleo penduradas por correntes de ferro. Homens e mulheres de feições indistintas, vestidos com trajes que misturavam de forma anacrônica a sobriedade burguesa do século XIX com a libertinagem dos clubes noturnos modernos, moviam-se em uma massa coesa, num ritmo lento, sensual e quase ritualístico sob a nuvem de fumaça que pairava no ar.

No fundo do salão, sentado à penumbra de uma mesa de carvalho maciço repleta de bacias de vidro, tubos de ensaio,

retortas e frascos de destilação que brilhavam sob o fogo baixo, estava um homem idoso de porte imponente e ombros largos. Ele usava uma longa sobrecasaca cinza de corte impecável e exibia cabelos brancos que emolduravam um rosto sulcado por rugas profundas de expressão. Seus olhos negros eram tão intensos que pareciam queimar a própria névoa de tabaco ao seu redor. Diante dele, uma pequena chama azulada, alimentada por um pavio embebido em álcool puro, aquecia um intrincado alambique de cobre polido, de onde escorria, gota a gota, um líquido espesso de cor âmbar brilhante.

Era a representação espectral de Goethe. Mas ele não se apresentava ali como a estátua de bronze fria e monumental que Teodoro costumava reverenciar nas praças europeias ou nas páginas de suas biografias literárias; ele era o alquimista das paixões humanas em carne e osso, o homem que entendera, antes de todos os psicólogos, que a alma humana só se realiza plenamente quando aceita e integra a sua própria escuridão inerente.

— Você demorou muito para descer, avaliador de

antiguidades — disse o velho sábio, sem erguer os olhos negros do fluxo do alambique. Sua voz tinha o peso do trovão distante, mas carregava uma ironia refinada, cortante e quase paternal. — Passou décadas inteiras trancado no andar de cima do seu Gabinete, limpando o pó de porcelanas mortas, catalogando o gênio dos outros e acreditando piamente que a virtude humana reside no isolamento e na pureza do pensamento abstrato.

Teodoro adiantou-se com passos hesitantes, parando diante da mesa repleta de instrumentos científicos que exalavam um odor sulfúrico misturado a ervas aromáticas.

— Eu buscava a pureza, Mestre. A ordem que o senhor e Bach deixaram como legado para o mundo. Eu queria apenas me proteger da mediocridade asfixiante da vida moderna, desse conforto vazio da burguesia que transforma os homens vivos em autômatos sem alma e sem paixão. Eu achei que a erudição era o meu único escudo.

Goethe soltou uma risada curta e sonora, o suficiente para fazer o líquido dentro dos tubos de vidro oscilar e o fogo

azul do pavio dançar na mesa. Ele finalmente ergueu os olhos e encarou Teodoro diretamente no fundo de suas pupilas cinzentas.

— Pureza? A pureza é o privilégio exclusivo dos cadáveres, meu jovem amigo. O que eu escrevi no meu Fausto não foi um tratado de matemática ou um catálogo de museu para estetas se deleitarem em salões aristocráticos; foi o grito desesperado de um homem que precisou abraçar o demônio e chafurdar na lama das paixões terrenas para compreender a verdadeira amplitude da criação divina. Veja o que estou destilando aqui neste cobre. — O velho apontou o dedo longo para o fluxo do alambique. — Isto aqui não é água límpida de nascente. Isto é o extrato bruto da contradição humana. É o desejo carnal, a raiva destrutiva, a poesia sagrada, o erro crasso e a redenção. O ser humano não é uma linha reta desenhada por um arquiteto cético; é uma tensão constante, dolorosa e bela entre o anjo que voa em direção à luz e o animal que rasteja na terra úmida. Se você esmagar o animal com as suas teorias e sua polidez, o seu anjo morrerá de tédio na

primeira semana.

"Escute o ancião, Teodoro", sussurrou o Sarcástico, aproximando-se da mesa na imaginação febril do protagonista, aplaudindo as palavras do mestre. "Ele passou a vida inteira sendo um herói respeitável para a sociedade, mas o coração dele sempre pertenceu às bruxas e aos rituais da noite de Walpurgis. Beba o que ele está oferecendo antes que você volte a ser uma estátua."

Goethe pegou um pequeno cálice de cristal grosso e lapidado, encheu-o até a borda com o líquido âmbar e fumegante que gotejava do alambique de cobre e empurrou-o com firmeza na direção das mãos trêmulas de Teodoro.

— Aura está esperando por você no final deste corredor subterrâneo — disse o mestre, apontando com a cabeça para uma porta de ferro rústica e rebitada localizada nos fundos escuros da taverna, de onde o som do trompete e a batida percussiva de Caleb vinham agora com uma força quase avassaladora, fazendo os copos de vidro da mesa

tilintarem. — Mas você nunca será capaz de dançar com ela se insistir em manter esse colarinho apertado, essa sua postura rígida e essa sua dignidade tola de museu. Beba. Deixe que a sua razão queime um pouco para que o resto possa viver.

Teodoro olhou para o interior do cálice. O reflexo do líquido fumegante mostrava a sua própria imagem distorcida, o rosto cansado de um intelectual de meia-idade que estava prestes a abdicar de todas as suas defesas racionais. Ele sabia perfeitamente que, ao beber aquele elixir arquetípico, o mundo lógico, seguro e previsível que construíra com tanto esmero ao longo de anos de estudo desmoronaria de vez. Mas a sua sede oculta de vida autêntica, o seu desprezo pelo vazio de sua existência burguesa era agora infinitamente maior do que o medo da loucura ou do erro. Ele estendeu a mão direita, agarrou o cristal grosso e virou o líquido âmbar de uma só vez na garganta.

O efeito da poção alquímica foi instantâneo e devastador. Não foi uma queimação vulgar de álcool comum, mas uma

onda de calor magnético que explodiu diretamente no centro de seu peito e correu por todas as suas artérias como eletricidade viva. A gravata invisível que parecia sufocar seu pescoço há trinta anos rompeu-se mentalmente. Suas articulações, antes travadas e rígidas como as do autômato de porcelana que ele destruíra no andar de cima, ganharam uma flexibilidade flexível e totalmente nova. A rigidez de seu intelecto deu lugar a uma leveza quase infantil, uma ausência de julgamento que ele nunca julgou possível experimentar.

Goethe sorriu largo, uma expressão de profunda e terna satisfação esculpida em suas rugas históricas.

— Agora vá — ordenou o velho alquimista, voltando sua atenção para o alambique. — Vá rir de si mesmo e da sua importância acadêmica antes que o gesso do seu orgulho volte a endurecer com o frio da razão.

Teodoro deu as costas à mesa de alquimia sem pronunciar uma única palavra de agradecimento; palavras já não eram necessárias naquele nível da psique. Ele já não

caminhava com a postura cerimoniosa, altiva e artificial de um avaliador de arte de salão; seus passos tinham agora uma cadência nova, uma pulsação rítmica que respondia diretamente aos tambores de Caleb que ecoavam além da parede. Ele empurrou a pesada porta de ferro dos fundos com as duas mãos nuas.

O vapor quente e úmido o atingiu no rosto como um tapa. O portal de ferro dava diretamente para um beco estreito e sinuoso do mundo exterior, mas a tempestade que açoitava a galeria de arte havia parado completamente. O asfalto exalava o calor acumulado do dia que terminara, e o ar da noite estava impregnado de uma liberdade densa e perigosa. A poucos metros de distância, exatamente sob a luz amarelada e oscilante de um antigo lampião a gás, Aura cessou o seu giro frenético. Ela estava visivelmente ofegante, o vestido fluido colado ao corpo pela umidade da noite, os cabelos castanhos desalinhados sobre a testa e os olhos brilhando como duas brasas vivas no meio da penumbra do beco.

Ao ver Teodoro cruzar o portal de ferro, com o paletó de

gala totalmente aberto, o colarinho desabotoado e os olhos despertos pelo fogo do elixir de Goethe, ela abriu um sorriso largo, irônico e profundamente acolhedor.

— Você finalmente aprendeu a cair, Teodoro — disse ela, sua voz musical misturando-se de forma perfeita ao sopro baixo e melancólico do trompete que Caleb mantinha pressionado entre os lábios. — Mas agora o jogo mudou. Você precisa aprender o alfabeto do corpo. Precisa aprender a andar e a sangrar na terra firme.

Capítulo 4

Os Tambores do Tempo e o Alfabeto do Corpo

> *"O tempo é um elemento muito fluido para ser medido por engrenagens de ferro. Há batidas que duram séculos, e séculos que se desfazem no espaço de um único compasso."*
> *— Anotações marginais no diário de Teodoro**

A gargalhada que escapara do peito de Teodoro ainda flutuava no ar carregado de fumaça e vapor do clube subterrâneo quando a música parou de forma abrupta. Não foi um encerramento gradual, daqueles que preparam o ouvido para o silêncio através de um desacelerar elegante das notas; foi um corte seco, uma síncope violenta e inesperada comandada pelas baquetas de Caleb que deixou as dezenas de corpos no salão escavado na rocha suspensos no meio de seus movimentos, como autômatos biológicos cujas engrenagens internas tivessem acabado de se romper. A interrupção abrupta gerou um vácuo acústico quase doloroso. O riso de Teodoro, antes libertador, extinguiu-se na garganta, transformando-se em uma respiração acelerada que ecoava de forma nítida contra as paredes

rústicas de pedra enegrecida.

Aura soltou as mãos de Teodoro com uma lentidão calculada. O sorriso irônico permaneceu esculpido em seus lábios, mas seus olhos adotaram uma seriedade atenta, profunda e quase cerimoniosa sob a luz avermelhada e bruxuleante dos archotes fixados nas colunas. O suor brilhava em seu pescoço e em suas clavículas expostas, limpando pequenos sulcos na fina camada de fuligem que o ambiente depositava sobre a pele de todos ali dentro. Ela deu três passos ritmados para trás, fundindo-se momentaneamente com a roda de frequentadores anônimos que se formara ao redor do avaliador de antiguidades. Teodoro sentiu-se subitamente despido, desprovido do escudo que o contato físico com a sua Anima lhe proporcionava.

No palco de tábuas de carvalho rústico e mal ajustadas, Caleb ergueu-se de trás de sua bateria improvisada. Ele era um homem cuja mera presença física ocupava o espaço de maneira impositiva; seus ombros eram largos e os braços ostentavam uma musculatura fibrosa que parecia talhada

na mesma madeira escura que sustentava os arcos do teto subterrâneo. Ele jogou a baqueta da mão direita para o alto, permitindo que ela girasse duas vezes sob a luz tênue antes de capturá-la novamente com a precisão absoluta de um malabarista de rua. Em seguida, estendeu o braço e apontou a ponta de madeira diretamente para o peito de Teodoro, bem no centro de seu paletó de gala desalinhado.

— O nosso ilustre avaliador de arte finalmente aprendeu a arrastar as solas de seus sapatos finos na lama do subterrâneo — disse Caleb, e sua voz possuía a vibração grave, seca e cavernosa de uma corda de contrabaixo acústico frouxa que reverbera dentro de uma caixa de ressonância de madeira antiga. — Mas não se iluda, Aura. Ele ainda está contando os tempos dentro da própria cabeça. Um, dois, três, quatro. Um, dois, três, quatro. Teodoro dança carregando o metrônomo rígido que ele comprou na superfície burocrática. Ele não está livre; ele está apenas tentando fazer com que o caos visceral da noite seja simétrico e previsível para não enlouquecer.

Teodoro, com o peito subindo e descendo pelo esforço físico

inédito, sentiu o Sarcástico se agitar violentamente em seu estômago, emitindo uma risada ácida que ricocheteou em seu cérebro. "O mestre das baquetas pegou você no pulo do gato, meu caro Teodoro. Você pode até ter arrancado a gravata borboleta e lambuzado o terno na chuva, mas o seu cérebro de funcionário exemplar continua de terno, gravata e óculos de leitura, tentando catalogar o ritmo alheio como se fosse uma peça de museu do século dezoito. Você não está vivendo a música; está apenas revisando o texto dela."

— Eu sinto a música, Caleb — rebateu Teodoro, forçando a voz para que ela preenchesse o silêncio expectante do clube. Ele deu um passo firme em direção ao palco, recusando-se a ser intimidado pelo tamanho ou pela autoridade do percussionista. O elixir de Goethe, que ainda ardia em suas veias como um licor incandescente, conferia-lhe uma audácia que desafiava a sua timidez crônica e o seu habitual pavor de exposição pública. — Meu peito está batendo exatamente no mesmo ritmo que os seus tambores de couro. Sinto a vibração nas minhas costelas.

Caleb soltou um riso curto, silencioso e carregado de desdém artístico. Ele desceu os três degraus de madeira do palco com uma leveza e uma graciosidade animal que contrastavam drasticamente com o seu porte físico massivo. Caminhou sem pressa até uma pequena mesa de ferro localizada em um canto escuro do salão, onde, sobre um pedaço de veludo puído, repousava uma clepsidra antiga — um relógio de água medieval que Teodoro reconheceu imediatamente como uma peça de valor histórico inestimável. A água escorria de um bojo superior de vidro para um recipiente inferior, e cada gota que caía batia contra um pequeno prato de latão polido, produzindo um som regular, metálico e irritantemente persistente: ploc... ploc... ploc... Aquele som era a própria personificação do tempo mecânico, o tempo utilitário e burguês que Teodoro utilizava para governar cada segundo de sua existência cinzenta na superfície do mundo.

— Este objeto aqui representa o seu tempo, avaliador de antiguidades — disse Caleb, erguendo a clepsidra de vidro com as duas mãos e trazendo-a para o centro da luz de um

archote. O líquido interno refletia tons de sangue e ouro. — É o tempo cronológico que diz exatamente a que horas você deve abrir as portas da sua galeria de arte, a que horas deve sorrir de forma falsa para os clientes endinheirados e vazios e a que horas deve se deitar na solidão de sua cama sem ter experimentado um único vislumbre de vida verdadeira durante todo o dia. A sua querida razão adora essa regularidade porque ela tem um pavor absoluto do imprevisto. Você usa os minutos para fatiar o mundo e evitar o peso da eternidade.

Num movimento rápido, violento e totalmente desprovido de reverência histórica, Caleb arremessou a clepsidra medieval contra a parede de pedra rústica. O som do vidro espesso se estilhaçando em centenas de pedaços cortantes ecoou pelo clube, acompanhado pelo ruído do líquido que se espalhou pelo chão de terra batida como um sangue incolor. Teodoro deu um sobressalto, seu instinto de arquivista sofrendo um choque físico diante da destruição da relíquia.

— No subterrâneo da psique, Teodoro, o tempo não pinga gota a gota — sentenciou Caleb, cujos olhos agora

brilhavam com uma intensidade quase mística. — Aqui embaixo, o tempo pulsa. Ou ele engole você por inteiro, ou não existe.

Caleb deu as costas a Teodoro, retornou ao palco com passos largos e sentou-se novamente em seu banco de madeira atrás da bateria. Ele não pegou as baquetas que repousavam sobre a caixa de metal; em vez disso, estendeu as palmas das mãos nuas e usou as pontas e os nós dos dedos diretamente sobre o couro cru e esticado do tambor maior, cujo diâmetro ocupava quase metade do espaço do tablado. Ele começou a desenhar uma batida fraca, abafada, quase imperceptível para os ouvidos menos atentos, que imitava com uma precisão assustadora e cirúrgica os batimentos cardíacos de um homem em estado de repouso absoluto.

Tum-tum... tum-tum... tum-tum...

Teodoro sentiu a sua própria pulsação arterial diminuir a velocidade, alinhando-se de forma involuntária e magnética àquele som que subia pelas solas de seus sapatos. Era como se o tambor de Caleb estivesse assumindo o

controle mecânico de seu coração. No entanto, sem qualquer aviso prévio, Caleb alterou a pressão de seus dedos sobre a pele do instrumento. A batida saltou um tempo inteiro. Ela se atrasou por uma fração de segundo calculada e, em seguida, disparou em um floreio percussivo rápido, complexo e irregular que lembrava o galope desenfreado de um animal selvagem que foge de uma armadilha na floresta.

O corpo de Teodoro cambaleou instantaneamente para o lado esquerdo, como se o próprio chão de terra e cascalho sob seus pés tivesse sido puxado por uma força sísmica invisível. Sua mente, que tentava antecipar o próximo impacto para manter o equilíbrio, falhou de forma miserável.

— O tempo do corpo não é uma linha reta traçada em um calendário, Teodoro! — exclamou Aura, que agora voltara a caminhar ao seu redor, movendo-se com a fluidez de um predador que fareja a fraqueza de sua presa. — Existem minutos que duram uma eternidade inteira quando você se permite olhar de verdade para uma pintura que carrega a alma do artista, e existem anos inteiros de conforto

burguês que desaparecem no vácuo da sua mediocridade sem deixar uma única memória que valha a pena. Caleb está desconstruindo a sua gaiola mecânica. Não tente resistir usando os seus conceitos acadêmicos. Responda usando os seus pés! Sangre no compasso!

Caleb aumentou drasticamente a velocidade e a complexidade do ritmo. Ele introduziu os pratos de bronze martelados à mão, golpeando-os com as bordas das mãos nuas e criando uma barreira de som metálica, estridente e cortante que parecia rasgar o ar úmido do subterrâneo. A batida já não funcionava como um mero acompanhamento musical para a dança; transformara-se em uma força física, um vento sólido que empurrava o corpo de Teodoro para trás e para a frente, obrigando-o a se mover constantemente apenas para não desabar no chão. Cada síncope violenta da bateria de Caleb parecia um golpe direto contra as estruturas lógicas de sua mente de avaliador.

Nesse momento de transe acústico, o Gabinete de Curiosidades Extravagantes começou a sangrar para

dentro do clube de jazz. As paredes de pedra rústica ganharam nichos tridimensionais e flutuantes que surgiam e desapareciam na penumbra. Dentro desses nichos, Teodoro pôde ver dezenas de relógios de sol cujas sombras giravam no sentido anti-horário, ampolas de vidro contendo cinzas em vez de areia e ampulhetas antigas cujos grãos subiam em direção ao topo em vez de cair, desafiando a gravidade e a lógica da física. O seu inconsciente estava usando o ritmo de Caleb para estilhaçar a ilusão do tempo cronológico.

Teodoro fechou os olhos com força, sentindo uma dor real e aguda subindo pelas suas panturrilhas, coxas e ombros rígidos. O intelectual aristocrático dentro dele queria gritar para que aquela algazarra infernal parasse imediatamente; queria retornar correndo para a segurança silenciosa de sua biblioteca de carvalho, onde as horas eram controladas, quadradas e inofensivas. Mas o selvagem, a força crua do Sarcástico, empurrava-o com violência na direção do palco: "Não se atreva a recuar agora, seu rato de arquivo! Deixe que os tambores de Caleb

quebrem o resto dos seus ossos acadêmicos. Se o tempo dele é um rio em fúria, pare de tentar medir a profundidade e aprenda a nadar na correnteza antes que você se afogue na sua própria mediocridade!".

Teodoro abriu os olhos, encarou a figura imponente de Caleb no palco e finalmente aceitou o desafio da desconstrução. Ele parou a tempo de tentar prever a batida através do cálculo lógico. Ele abandonou a tentativa de encaixar os seus movimentos na simetria do compasso que aprendera nos livros. Deixou-se ser levado pelo fluxo caótico do som. Quando Caleb quebrava o tempo com uma síncope inesperada, Teodoro dobrava o próprio corpo em um movimento angular, bizarro e autêntico; quando o ritmo acelerava até o limite do suportável, ele girava sobre o asfalto rústico e úmido do clube, sem se importar com a elegância ou com o julgamento alheio.

Ele estava finalmente aprendendo as primeiras letras do alfabeto do corpo, uma linguagem ancestral e tátil onde os conceitos mais profundos da existência não eram expressos por palavras, teorias ou catálogos de arte, mas sim pelo peso

do pé que bate contra o chão de terra e pelo suor que lavava, camada por camada, a sua máscara social burguesa.

A multidão ao redor, contagiada pela entrega absoluta do protagonista, começou a bater palmas no mesmo contratempo impossível ditado por Caleb. Teodoro já não se sentia como o homem único, isolado e superior que observava o mundo do alto de sua varanda aristocrática; ele era agora apenas um fragmento pulsante daquela massa viva, humana e visceral. Ele olhou para o palco e viu que Caleb havia cessado o castigo dos pratos de bronze. O percussionista mantinha uma batida firme e prolongada no tambor grave, exibindo um sorriso largo de aprovação no rosto suado. Era o sorriso de um mestre que acabara de libertar um prisioneiro da masmorra mais perigosa de todas: aquela que o próprio homem constrói com as pedras da sua razão.

A noite no clube de jazz havia atingido o seu ponto de não retorno. O tempo cronológico fora destruído e o alfabeto do corpo fora batizado pelo suor. Aura aproximou-se novamente de Teodoro, cujas roupas de gala estavam agora

completamente arruinadas e ensopadas, mas cujos olhos cinzentos brilhavam com uma eletricidade que nenhuma sonata de Bach jamais fora capaz de acender. Ela estendeu a mão esquerda para ele, apontando para uma abertura que surgia por trás da bateria de Caleb, onde uma escadaria de mármore branco descia ainda mais em direção às entranhas do Gabinete.

— Você sobreviveu aos tambores de Caleb, Teodoro — sussurrou Aura em seu ouvido, e sua voz parecia o vento que limpa as folhas mortas do outono. — Mas o ritmo foi apenas a chave para abrir a fechadura. Agora que a sua gaiola do tempo está quebrada, você está pronto para ver o que guardou dentro das gavetas sem fundo. Venha ver as mil almas que vestem o seu nome.

Capítulo 5

As Mil Portas do Gabinete

> *"O erro do homem ocidental foi ter acreditado que a sua alma possui a forma de uma única moeda de ouro. Na verdade, ela é uma bolsa cheia de moedas de todas as nações, cunhadas em séculos diferentes."*
> *— Fragmentos do Tratado do Gabinete Oculto**

A escadaria de mármore branco que surgira por trás da bateria de Caleb parecia descer em direção ao silêncio absoluto, mas era um silêncio grávido de presenças. À medida que Teodoro descia os degraus, o calor do clube de jazz e o vapor úmido da rua iam se dissipando, substituídos por uma atmosfera temperada, sutilmente perfumada com o aroma de sândalo e cera de carnaúba. Aura caminhava ao seu lado, sem tocá-lo, mas seus passos descalços no mármore produziam um som macio que servia de bússola na penumbra. O paletó de Teodoro, agora permanentemente aberto e sem a rigidez da goma burguesa, moldava-se ao seu corpo como a pele de um animal que acabara de se libertar de uma armadilha.

No centésimo degrau, a escadaria terminou. Teodoro viu-se no centro de uma rotunda monumental, uma praça circular interna cujas dimensões desafiavam qualquer lógica arquitetônica. O teto era uma cúpula de vidro escuro que parecia refletir não o céu da cidade, mas as constelações de um hemisfério desconhecido. O que mais impressionou o avaliador, contudo, foram as paredes. Elas não eram feitas de pedra ou tijolo, mas sim de uma infinidade de portas, gavetas, escaninhos e portinholas de todos os tamanhos e materiais imagináveis: carvalho envelhecido, bronze oxidado, ferro batido, marfim entalhado e até mesmo vidro fosco. Eram milhares delas, sobrepondo-se em colunas que subiam até perder-se na curvatura da cúpula.

Era o coração do Gabinete de Curiosidades Extravagantes. Não mais um corredor estreito, mas a praça central de seu inconsciente.

— Você passou a vida inteira acreditando que o seu nome pertencia a um único homem, Teodoro — disse Aura, sua voz ecoando de forma circular pelo espaço, multiplicando-se nas superfícies das milhares de madeiras. — Você achava

que existia apenas o Teodoro esteta, o homem culto que chora ouvindo Bach, e o Teodoro selvagem, o Sarcástico que odeia os salões da sociedade. Mas isso é uma ilusão infantil criada pelo medo de se perder. Olhe ao redor. Este é o inventário real de quem você é.

Teodoro caminhou até o centro da rotunda. O Sarcástico, que antes parecia uma voz violenta em seu crânio, agora assumira uma postura quase reverencial, silenciando para que o protagonista pudesse ouvir o sussurro coletivo que vinha das frestas das portas. Cada fechadura parecia respirar.

— Como isso é possível? — perguntou Teodoro, estendendo a mão para tocar a superfície fria de uma gaveta de bronze que trazia gravado o ano de sua própria infância. — Eu sou um só. Tenho uma única memória, uma única história.

Do centro da praça, uma figura que ele ainda não havia notado deu um passo à frente de uma das sombras. Não era Aura, nem Caleb, nem os espectros dos mestres alemães. Era

o homem do espelho convexo que Teodoro encontrara de relance no primeiro capítulo. Ele vestia roupas simples de arquivista e carregava nas mãos uma caixa de veludo azul-escuro, de onde retirou dezenas de pequenas peças de xadrez esculpidas em pedras semipreciosas: quartzo, ônix, jaspe e ametista.

— O erro da sociedade moderna, meu caro avaliador, é que ela exige que você use uma única máscara do nascer ao pôr do sol — disse o homem do espelho, e sua fisionomia mudava sutilmente a cada frase, lembrando ora um menino, ora um velho, ora o próprio Teodoro. — A burguesia precisa que você seja previsível para poder catalogá-lo e colocá-lo em uma prateleira de utilidades. Mas a psique humana é um mosaico feito de milhares de almas coexistentes. O seu sofrimento nunca veio do conflito entre a razão e o instinto; vinha da sua tentativa desesperada de esmagar todas as outras facetas para manter apenas o verniz do intelectual incompreendido.

O homem jogou as peças de xadrez sobre o chão de mármore. Elas não rolaram de forma caótica;

organizaram-se sozinhas em pequenos grupos. Teodoro olhou para baixo e, com um misto de espanto e reconhecimento, percebeu que cada pequena estatueta de pedra tinha expressões faciais distintas.

— Veja — continuou o arquivista, apontando para uma peça de ônix preto. — Este é o Teodoro tirano, o homem que gostaria de governar o gosto do mundo com mão de ferro. E este aqui — apontou para o quartzo rosa — é o Teodoro menino, que ainda chora quando se lembra do cheiro do jardim da avó. E este na ametista é o amante que você sufocou porque ele não combinava com o rigor das suas teses acadêmicas. Todos eles são você. Nenhum deles é falso.

Nesse instante, uma das portas de ferro batido nas paredes da rotunda abriu-se com um estalo seco. De lá de dentro, saiu uma figura que vestia as mesmas roupas de Teodoro, mas seus gestos eram exagerados, teatrais. Era um palhaço triste, que trazia nos olhos pintados de branco a mesma melancolia cinzenta do protagonista. A figura olhou para Teodoro, imitou o seu gesto de ajustar a gravata invisível e soltou uma gargalhada histriônica, mas sem maldade,

zombando da seriedade com que o avaliador encarava o mundo.

Teodoro sentiu um nó na garganta. Sua primeira reação foi o desejo de recolher aquelas peças, trancar as portas e organizar o museu à força, restabelecendo o controle que a razão lhe garantia. Ele queria a simetria de Bach, a pureza das linhas retas. Mas quando olhou para o palhaço de gesso que o imitava, e depois para as peças no chão, o elixir de Goethe e os tambores de Caleb agiram em sua mente. Ele percebeu o ridículo de sua própria pretensão de controle. A vida não cabia em um catálogo de leilão.

O Sarcástico deu uma risada mansa dentro dele, mas desta vez não foi uma risada de desprezo. Foi uma risada de cumplicidade. "Ele está certo, Teodoro. Nós somos uma multidão. Por que você insiste em viver em um quarto de empregada quando é dono de um palácio com mil cômodos? Olhe para esse palhaço. Ele tem o seu nariz."

Teodoro sorriu. O sorriso começou pequeno nos cantos dos lábios e depois se expandiu, transformando-se em um riso

leve, solto, que ecoou pela cúpula de vidro do Gabinete. Ele não estava rindo de desespero; estava rindo da descoberta de sua própria complexidade. Ele não precisava escolher entre ser o homem culto ou o lobo selvagem. Ele podia ser o poeta, o dançarino, o tirano, o menino e o palhaço. Ele era livre para reorganizar o tabuleiro de sua mente sempre que o ritmo da vida exigisse uma nova combinação.

As milhares de portas nas paredes começaram a vibrar, não mais de forma ameaçadora como no colapso do cravo, mas em uma sinfonia de estalos e batidas rítmicas que pareciam aplaudir a sua aceitação. Aura aproximou-se dele por trás, colocando a mão suavemente em seu ombro esquerdo.

— Você finalmente compreendeu o desmembramento, Teodoro — sussurrou ela. — Você já não é um bloco rígido de gesso; é um fluxo de águas. Mas o tabuleiro ainda não está completo. Para conquistar a totalidade do Si mesmo, você precisa enfrentar o espectro mais perigoso: aquele que o ensinou a ter medo de ser feliz.

Capítulo 6

O Guardião de Cinzas e o Espelho Convexo

> *"Nenhum homem pode contemplar seu próprio rosto no espelho sem perceber que, atrás das feições que o mundo aprova, há uma sentinela armada encarregada de vigiar os seus desejos."*
> *— Anotações marginais no diário de Teodoro**

O riso de Teodoro, que antes ecoara sob a cúpula de vidro do Gabinete, assentou-se como uma névoa mansa sobre o chão de mármore branco da rotunda. As mil portas e gavetas que cobriam as paredes de ébano e jacarandá permaneciam semicerradas, e delas emanava uma vibração contida, como o murmúrio de uma plateia que aguarda o início do próximo ato. Aura não retirara a mão de seu ombro esquerdo; o toque de seus dedos, no entanto, tornara-se sutilmente mais firme, uma ancoragem física quando a atmosfera da praça mental começou a se resfriar de forma abrupta.

O aroma de sândalo e cera de carnaúba foi substituído pelo cheiro acre de papel queimado, fumo frio e mofo de

arquivos esquecidos. Da penumbra que se adensava entre duas colunas monumentais de gavetas de marfim, surgiu a sentinela de que Aura falara.

Não era um monstro mitológico ou uma criatura grotesca nascida de pesadelos infantis. Era uma figura que Teodoro conhecia com uma intimidade dolorosa. Tratava-se de um homem magro, de postura impecavelmente reta, vestindo um casaco de feltro cinza-escuro, abotoado até o queixo, e portando óculos de aros de ferro que repousavam sobre um nariz adunco. Suas mãos, longas e manchadas de tinta nanquim seca, seguravam um livro de registros de capa de couro preta e uma pesada chave de bronze que emitia um som surdo a cada passo.

Era o ***Guardião de Cinzas****. Ele personificava a Superestrutura de Teodoro: a personificação de sua culpa, de suas punições autoinfligidas, da severidade puritana de sua criação e de todos os "não" que ele dissera à vida para manter-se no topo de sua respeitabilidade acadêmica. Ele era o inspetor invisível que, durante trinta anos, anotara cada desejo reprimido de Teodoro como uma infração*

moral.

O homem de casaco cinza parou a cinco passos do protagonista. Seus olhos, por trás das lentes grossas de ferro, eram de um cinza opaco, desprovidos de qualquer brilho ou calor humano. Ele abriu o livro de registros com um estalo seco que fez o palhaço triste, ainda espreitando da porta de ferro, recolher-se imediatamente para a escuridão.

— Teodoro Alencastro — disse o Guardião, e sua voz tinha o som áspero de folhas de pergaminho sendo esfregadas contra uma superfície de pedra fria. — O leilão beneficente foi abandonado. O vaso da dinastia Ming foi exposto como fraude. Suas roupas de gala estão cobertas de lama e suor do subterrâneo. Você bebeu o elixir da contradição de um velho alquimista e dançou de mãos dadas com uma mulher sem sapatos sob o teto de uma taverna vulgar. O seu catálogo de vida está em ruínas.

Teodoro sentiu a velha rigidez tentar se apossar de suas pernas mais uma vez. O respeito pelo dever, o pavor do julgamento social e a culpa por ter sentido prazer sem a

autorização da lógica pesaram sobre seus ombros como uma capa de chumbo. Por um segundo, ele se viu novamente como o avaliador-chefe assustado, o homem que temia o escuro e se escondia atrás de sonatas matemáticas para não ter que enfrentar o fluxo caótico do mundo real.

"Ele quer trancar as portas de novo, Teodoro", sibilou o Sarcástico, mas sua voz não tinha o tom de zombaria de antes; estava carregada de uma agressividade defensiva. "Ele é o sujeito que jogou os seus brinquedos fora quando você tinha dez anos porque dizia que um homem sério não perde tempo com fantasias. Ele é o gesso. Quebre os óculos dele antes que ele transforme o seu sangue em cinzas de arquivo."

— Eu não abandonei a vida, Guardião — respondeu Teodoro, forçando a sua voz a manter a firmeza que aprendera com os tambores de Caleb. — Eu apenas deixei a galeria vazia para encontrar o que realmente tem valor. O catálogo que você carrega é o registro de um homem morto que esqueceram de sepultar.

O Guardião de Cinzas não alterou a expressão severa de seu rosto de papel envelhecido. Ele ergueu a pesada chave de bronze e apontou-a para as milhares de gavetas que cercavam a rotunda.

— Você acha que a liberdade consiste em ter mil almas, Teodoro? — o inspetor deu um passo à frente, e o cheiro de fumo frio tornou-se mais intenso. — Uma mente dividida em milhares de fragmentos é uma mente louca. O homem que quer ser tudo acaba não sendo nada. Se você não fechar estas portas e não retornar para a ordem da superfície, você se transformará em um espectro que vaga pelas próprias ruínas. Você perderá a sua posição, o seu nome, o seu conforto e o respeito dos seus pares. Veja o seu verdadeiro destino no espelho da realidade.

O homem de casaco cinza bateu com a chave de bronze no chão de mármore. Diante de Teodoro, vindo do teto de vidro, desceu um imenso ***espelho convexo*** *com moldura de ferro oxidado. Quando Teodoro olhou para a superfície distorcida do vidro, não viu a praça monumental ou a figura de Aura. Ele viu o seu próprio corpo na superfície do*

mundo real: um homem de quase cinquenta anos, sentado sozinho em uma sala escura de biblioteca, cercado por livros empilhados que pareciam lápides, com os olhos fixos no vazio, os dedos trêmulos e uma expressão de solidão absoluta no rosto envelhecido. O espelho mostrava o preço de seu isolamento burguês: o conforto vazio de uma vida sem erros, mas também sem vida.

— Essa é a sua ordem — continuou o Guardião, sua voz rítmica e implacável como a clepsidra que Caleb destruíra. — A ordem do homem que nunca falhou porque nunca tentou viver. Volte para a sua mesa, avaliador. Pegue o seu martelo de marfim. O mundo moderno espera pela sua máscara.

Teodoro contemplou a própria imagem de solidão no espelho convexo. O impacto visual foi devastador. A dor de ver a sua existência reduzida àquela sentinela de cinzas apertou o seu peito. Ele olhou para Aura, buscando um sinal, uma direção, mas a sua Anima permanecia imóvel, os olhos fixos nele, como se dissesse que aquela batalha não pertencia a ela, mas à sua própria decisão de existir.

"Olhe bem para o espelho, Teodoro", murmurou o Sarcástico, sua voz agora calma, profunda e integrada ao próprio pensamento do protagonista. "Aquele homem na sala escura não é você. Aquele homem é o cadáver que esse inspetor quer que você assine embaixo. Você não tem medo dele. Você tem medo de ser feliz."

Teodoro respirou fundo. O calor do elixir de Goethe voltou a pulsar em suas mãos, e o ritmo dos tambores de Caleb organizou o seu pensamento. Ele olhou para o Guardião de Cinzas, com seus óculos de ferro e seu livro de registros pretos, e depois olhou para a sua própria imagem distorcida no espelho convexo. E então, algo se transformou dentro dele. A solenidade trágica daquela acusação moral pareceu-lhe, de repente, de uma leviandade cômica.

Ele percebeu o ridículo da situação: um homem adulto, dono de uma sensibilidade artística brilhante, permitindo-se ser tiranizado por uma projeção feita de poeira de arquivo e culpas herdadas do passado. O medo se desfez em fumaça.

Teodoro soltou uma risada mansa, que logo se transformou em uma gargalhada aberta, sonora e vibrante que ecoou por toda a rotunda, fazendo o vidro do espelho convexo vibrar. Ele ria do Guardião, ria da gravidade do livro de registros e ria de sua própria pretensão de ser um intelectual impecável.

— Você não tem poder aqui, inspetor — disse Teodoro, e seu riso cortou a autoridade do homem de feltro cinza como uma lâmina de sol. — O livro que você carrega está cheio de páginas em branco porque você nunca teve a coragem de escrever uma única linha com sangue real. Você tem medo da lama, tem medo do jazz e tem medo da chuva porque sabe que o gesso da sua autoridade se desfaz na água. Eu prefiro a loucura de ser mil almas ao inferno de ser o seu homem perfeito.

Teodoro deu dois passos firmes à frente, estendeu o braço direito e, num gesto de desapego absoluto, arrancou os óculos de ferro do rosto do Guardião de Cinzas.

No instante em que as lentes foram retiradas, o rosto do

inspetor começou a se desintegrar. A pele de pergaminho rachou e desfez-se em uma chuva de cinzas escuras que caíram sobre o mármore branco. O casaco de feltro esvaziou-se, e o livro de registros pretos caiu no chão, suas páginas se transformando em folhas secas de outono que o vento da rotunda varreu para longe. A pesada chave de bronze bateu no solo com um som oco e dissolveu-se em uma poça de água barrenta.

Teodoro virou-se para o espelho convexo. Com um soco firme desferido com a mão direita — a mesma mão que passara a vida segurando lupas e catálogos —, ele golpeou o centro do vidro distorcido.

O espelho partiu-se em milhares de pequenos estilhaços prateados que caíram como uma chuva de estrelas ao redor dele. Na superfície de cada pequeno fragmento que repousava no chão de mármore, Teodoro pôde ver um reflexo diferente de si mesmo: em um brilhava o menino do jardim, no outro o amante de ametista, no outro o palhaço de gesso, no outro o esteta que ouvia Bach e no outro o selvagem que habitava as sombras. Nenhum deles o

tiranizava mais. Todos os fragmentos coexistiam em harmonia, esperando pela sua própria recombinação no tabuleiro da vida.

Aura aproximou-se, e o seu sorriso era agora de pura vitória espiritual. O Gabinete de Curiosidades Extravagantes estava completamente aberto, e as mil portas pareciam agora portais de liberdade, e não mais masmorras de repressão.

— O tirano está morto, Teodoro — disse Aura, e seus olhos cinzentos refletiam as milhares de almas que agora brilhavam no chão. — Você quebrou o espelho da mentira burguesa. Agora, você está pronto para subir e ver o mundo real com os olhos de quem aprendeu a rir do próprio drama.

Capítulo 7

O Desprezo de Vidro e a Sociedade de Plástico

> *"O maior perigo da modernidade não é a destruição das velhas catedrais, mas a construção de almas perfeitamente higienizadas, onde nenhum desejo ousa quebrar a simetria do bom gosto superficial."*
> *— Fragmentos do Tratado do Gabinete Oculto**

O retorno à superfície não se deu por uma ascensão penosa de degraus, mas por uma transição de texturas. À medida que Teodoro caminhava ao lado de Aura pelo centro da rotunda, os fragmentos prateados do espelho convexo que cobriam o chão de mármore começaram a liquefazer-se, transformando-se em poças de luz elétrica e reflexos de neon. O perfume rústico de sândalo e a fumaça azulada de tabaco barato deram lugar a um odor sintético, estéril e frio de ar-condicionado industrial e perfumes franceses caros comprados por catálogo.

O Gabinete de Curiosidades Extravagantes não desaparecera; ele havia se projetado para fora. Teodoro pisou novamente no salão principal da Galeria Alencastro,

mas o mundo que ele deixara minutos atrás — ou seriam séculos? — parecia agora uma farsa mal encenada.

O leilão beneficente ainda estava acontecendo. O tempo cronológico na superfície havia avançado apenas alguns minutos, mantendo os convidados sentados em suas cadeiras de veludo carmesim, sob o brilho opulento do imenso lustre de cristal de baccarat. No entanto, os olhos de Teodoro, batizados pelo elixir de Goethe e limpos pelos tambores de Caleb, já não enxergavam a dignidade burguesa daquela elite. Ele via, através de um desprezo límpido e transparente como o vidro, a fragilidade plástica da sociedade moderna.

Ele caminhou em direção ao púlpito de madeira nobre. Seu paletó de gala continuava aberto, o colarinho desalinhado e os sapatos marcados pela lama invisível do subterrâneo. A plateia de magnatas, duquesas e colecionadores de fachada virou-se para ele com um murmúrio discreto de estranheza. Para aquelas pessoas, a sua aparência desalinhada era uma quebra de protocolo intolerável; para Teodoro, o terno impecável de cada um deles era uma mortalha social

projetada para sufocar o que restava de humanidade.

"Olhe para eles, Teodoro", sussurrou o Sarcástico, cuja voz agora não trazia a antiga fúria destrutiva, mas uma ironia mansa e integrada à sua consciência. "Eles estão apavorados com o seu colarinho aberto. Eles passam a vida inteira trancados em suas próprias gaiolas de plástico, gastando fortunas para comprar objetos que nunca vão entender, apenas para garantir que o vizinho não perceba o vazio que habita em seus peitos."

Teodoro subiu os degraus do púlpito e pegou o martelo de marfim com a mão direita. Diante dele, sobre um pedestal de veludo negro, repousava o próximo lote da noite: uma estatueta de porcelana de Meissen do século dezoito, representando um pastor e uma pastora em um idílio pastoral perfeito, simétrico e intocado. A peça era disputada fervorosamente pela elite local por sua "pureza estética" e seu valor de ostentação.

O barão de Alencastro, posicionado na primeira fileira com um charuto apagado entre os dedos trêmulos, ergueu a

sua plaqueta de lances, oferecendo uma soma obscena de dinheiro pelo objeto. Ele olhou para Teodoro com a arrogância de quem acredita que o dinheiro pode comprar o tempo, o gosto e a imortalidade.

Teodoro olhou para a estatueta de porcelana e, em seguida, para o barão. A lembrança do autômato-Bach com o seu próprio rosto despedaçado no chão do Gabinete veio à sua mente. Aquela peça de Meissen era a mesma mentira de gesso. Era o conforto vazio de uma beleza que não sangrava, que não sentia o ritmo e que não tolerava a chuva.

— Cinquenta mil ducados pelo lote número doze — anunciou Teodoro, e sua voz, em vez de adotar o tom aristocrático e cerimonioso de costume, saiu com uma cadência livre, quase musical, herdada do jazz de Caleb. — O senhor barão deseja comprar a simetria. Ele deseja comprar uma pastora que nunca vai envelhecer, um pastor que nunca vai chorar e um pedaço de terra cozida que garante que ele não precise pensar na própria decadência. É um excelente escudo contra a vida real, não acham?

Um silêncio chocado desabou sobre o salão beneficente. As duquesas congelaram com as taças de champanhe a meio caminho dos lábios pintados. O barão franziu a testa, os nós de seus dedos ficando brancos ao redor da plaqueta de lances. Ninguém ali dentro jamais ouvira o avaliador-chefe falar daquela maneira. Ele fora contratado para ser o sacerdote dos objetos inertes, não o profeta das contradições humanas.

"Eles estão horrorizados, avaliador!", riu o Sarcástico em seu peito. "A verdade é um ácido terrível para quem vive em uma redoma de plástico. Continue. Diga a eles o preço real daquela lama decorada."

Teodoro não desviou o olhar. Ele sentia a presença invisível de Aura na lateral do salão, encostada em uma coluna de mármore falso, observando a cena com o seu sorriso felino e acolhedor. Ele percebeu que o seu desprezo por aquela sociedade de plástico já não o envenenava com a amargura da solidão; era um desprezo limpo, nascido da liberdade de quem já não precisava da aprovação da mediocridade moderna para existir.

— A porcelana é magnífica, meus senhores — continuou Teodoro, caminhando ao redor do púlpito e pegando a estatueta de Meissen delicadamente entre os dedos longos, erguendo-a contra a luz do lustre de cristal. — Ela não tem poros. Ela não sua. Ela não erra. Ela é perfeitamente higienizada, assim como as vidas que os senhores exibem em seus salões de espelhos. Os senhores gastam fortunas para colecionar o gênio dos mortos porque têm um pavor absoluto de expressar o próprio gênio vivo. Vocês compram a arte para não terem que se transformar em arte.

— Isso é um ultraje! — exclamou o barão, levantando-se da cadeira de veludo, o rosto vermelho de indignação burguesa. — Exijo que este homem seja destituído de sua função imediatamente! Ele enlouqueceu! Está insultando os patronos da galeria!

Teodoro olhou para o barão enfurecido e, pela primeira vez em toda a sua existência pública, não sentiu o menor vislumbre de medo, vergonha ou culpa. A sentinela de cinzas que o tiranizava fora destruída no subterrâneo; as ameaças daquela elite de plástico já não tinham onde se

agarrar em sua alma desmembrada. Ele era mil homens, e nenhum deles pertencia ao catálogo do barão.

Em vez de se desculpar ou recuar para a sua Persona polida, Teodoro soltou uma gargalhada sincera, alta e vibrante que ecoou pelo salão neoclássico, fazendo os pingentes de cristal do lustre de baccarat tilintarem em simpatia. Era o humor supremo de quem aprendera a rir do próprio drama e da solenidade ridícula dos homens de negócios.

— Eu não enlouqueci, barão — disse Teodoro, e seu riso desarmou a tensão do ambiente, transformando a indignação do público em um constrangimento patético. — Eu apenas acordei do sono de gesso que os senhores chamam de civilização. O lote número doze não está à venda para quem só sabe contar moedas. Ele pertence ao silêncio.

Num gesto de desapego absoluto que contrariou cada linha de sua formação profissional, Teodoro abriu os dedos.

A estatueta de porcelana de Meissen caiu do púlpito alta, desenhando uma parábola perfeita no ar antes de se

estilhaçar contra o chão de mármore da galeria. O estalo seco do gesso cozido partindo-se em dezenas de pedaços ecoou pelo salão como o fechamento definitivo de um inventário. Pastor e pastora estavam reduzidos a poeira branca e fragmentos decorados no tapete persa.

Teodoro largou o martelo de marfim sobre a mesa de carvalho. Ele deu as costas à plateia em choque, desceu os degraus do púlpito com passos firmes, ritmados e descontraídos, e caminhou em direção às grandes portas de vidro da varanda que davam para o beco dos fundos.

As pessoas se afastavam de sua passagem como se ele carregasse uma doença contagiosa. E de fato carregava: a liberdade. Ele cruzou as portas de vidro e pisou novamente na sacada de ferro forjado. O ar da noite, puro e carregado de ozônio, atingiu o seu rosto. Lá embaixo, no asfalto real da cidade, a chuva recomeçara a cair de forma mansa, lavando a sujeira dos telhados modernos.

Aura e Caleb já o esperavam no início do beco, sob a luz âmbar do poste público. Caleb trazia o trompete sob o braço

direito, e Aura estendia a mão em sua direção, os pés descalços desafiando a calçada úmida. Teodoro não hesitou. Ele tirou o paletó de gala, jogou-o sobre o parapeito de ferro da varanda e, sem olhar para trás nenhuma vez, desceu as escadas de serviço externas em direção à rua, abandonando a sociedade de plástico e abraçando em definitivo a sua multidão interna.

Capítulo 8

As Gavetas Sem Fundo e o Terceiro Guia

> *"O homem que teme a solidão desconhece que, ao fechar a porta do seu quarto, ele não fica sozinho; ele apenas se tranca com o fantasma daquele que ele deveria ter sido."*
> *— Anotações marginais no diário de Teodoro**

O asfalto úmido do beco, onde Teodoro pisara após abandonar o leilão, começou a perder a sua rigidez material à medida que o trio avançava pela penumbra da noite urbana. As luzes de neon dos prédios modernos foram se esticando em linhas verticais difusas, fundindo-se com o vapor da chuva que subia do chão. Sem que houvesse uma nova queda ou um solavanco místico, as calçadas de concreto deram lugar, mais uma vez, ao assoalho de madeira maciça e escura do Gabinete de Curiosidades Extravagantes.

Teodoro percebeu que já não precisava fugir da própria mente para viver na realidade; os dois mundos haviam aprendido a coexistir. Ele caminhava agora sem sapatos,

com as solas nuas sentindo o calor e as texturas das tábuas de jacarandá, enquanto Aura e Caleb seguiam um passo atrás, como sentinelas discretas de um reino que ele finalmente começava a governar.

As paredes ao redor já não eram formadas por portas simétricas como na rotunda monumental do quinto capítulo. Agora, o corredor estreitava-se em uma galeria linear onde imensos armários de arquivamento, cujas frentes eram compostas por ***gavetas sem fundo****, estendiam-se em direção ao teto invisível. As gavetas não tinham puxadores de metal ou etiquetas numeradas; em vez disso, cada uma delas trazia cravada na madeira uma textura tátil diferente: um pedaço de veludo gasto, uma lasca de osso, uma folha seca, uma corda de violino arrebentada.*

"Este é o inventário dos seus silêncios, Teodoro", sussurrou o Sarcástico, e sua voz agora parecia uma brisa leve que soprava por entre as frestas das madeiras antigas. "As gavetas sem fundo são as gavetas onde você jogou tudo aquilo que não soube dar um nome ou um preço nos seus catálogos de arte. Cada uma delas guarda um fragmento

vivo que quer respirar."

Teodoro parou diante de uma gaveta cuja frente era revestida por uma camada de ferrugem áspera. Movido por uma curiosidade que já não pedia licença à razão, ele estendeu a mão e puxou a madeira. A gaveta abriu-se com um rangido longo, mas, em vez de revelar um fundo de madeira com papéis ou objetos guardados, ela se abriu para um espaço infinito.

Ao olhar para dentro, Teodoro viu uma paisagem tridimensional: uma tarde cinzenta de sua adolescência, o cheiro de terra molhada após uma tempestade no interior, e o som de uma promessa que ele fizera a si mesmo e que esquecera de cumprir. Aquela gaveta continha uma atmosfera inteira, preservada no formol do tempo.

— Cada gaveta é uma alma que espera para ser integrada ao seu tabuleiro, Teodoro — disse Aura, aproximando-se e olhando para o abismo de ferrugem ao lado dele. — O homem burguês usa a memória apenas para lembrar de datas, contratos e obrigações. O homem livre usa a

memória para restabelecer o contato com as suas múltiplas existências.

Teodoro fechou a gaveta de ferrugem com um empurrão suave e abriu outra, revestida de seda azul-escura. Dali de dentro, ecoou o riso de uma mulher que ele amara em segredo durante os anos de faculdade e que nunca tivera a coragem de abordar por medo de comprometer a sua postura de estudante brilhante e focado. O perfume dela — lavanda e tabaco fresco — invadiu o corredor do Gabinete, fazendo o peito de Teodoro arder com uma saudade que não trazia amargura, mas sim uma profunda ternura pelo jovem tímido que ele fora. Ele sorriu para a gaveta de seda e fechou-a devagar, aceitando aquele amor sufocado como uma parte legítima de sua história.

No entanto, à medida que avançavam pelo corredor das gavetas sem fundo, o tique-taque dos relógios suspensos, que Caleb havia desacelerado no quarto capítulo, cessou por completo. Uma quietude cinzenta e pesada começou a emanar do fundo do corredor. O ar tornou-se rarefeito, frio e impregnado com o cheiro de cera de vela apagada e poeira

de biblioteca deserta.

Aura e Caleb pararam abruptamente. Suas feições, antes vibrantes e cheias de cor, empalideceram ligeiramente sob a penumbra que avançava. Teodoro percebeu que eles haviam atingido o limite de suas respectivas jurisdições psicológicas. Eles eram os guias dos sentidos e do ritmo; o que vinha a seguir pertencia ao território da solidão absoluta.

Da névoa cinzenta que bloqueava o fim do corredor, surgiu o ***Terceiro Guia****.*

Não era um autômato mecânico como o espectro de Bach, nem um alquimista vigoroso como Goethe, nem uma sentinela punitiva como o Guardião de Cinzas. Era uma figura magra, ligeiramente curvada pelos anos, vestindo um terno de tweed gasto e desalinhado, cujos bolsos estavam estufados com cadernos de anotações e pequenos pedaços de papel vegetal. Seus cabelos eram grisalhos e rebeldes, e ele trazia óculos de leitura pendurados por um cordão no pescoço. Seus olhos tinham a profundidade melancólica de

quem olhara para o abismo da existência moderna e encontrara ali não o monstro do desespero, mas a poesia da renúncia.

Era o espectro do próprio arquiteto da crise, a personificação literária de ***Hermann Hesse*** *agindo como uma entidade independente dentro do imaginário de Teodoro. Ele não carregava ferramentas de destruição ou livros de registros; trazia nas mãos apenas uma pequena caneta de tinto-tinteiro de prata e um caderno aberto cujas páginas estavam em branco.*

O velho escritor parou a três passos de Teodoro. O silêncio que o cercava era o silêncio das madrugadas em que os intelectuais se confrontam com o vazio de suas próprias teses.

— Então você aprendeu a quebrar o gesso, avaliador — disse o Terceiro Guia, e sua voz era um sussurro manso, áspero e profundamente musical, como o som do vento de outono que arrasta as folhas secas pelas calçadas de uma cidade antiga. — Você destruiu a porcelana de Bach, bebeu

o fogo de Goethe, dançou com Aura e quebrou o tempo com os tambores de Caleb. Mas o seu maior teste não é o riso que você solta na multidão do clube de jazz. O seu maior teste é o silêncio que resta quando a música para e as luzes se apagam.

Teodoro sentiu um calafrio que correu pela sua espinha nua. O Sarcástico, aninhado em seu cérebro, recolheu-se em um canto silencioso, prestando uma reverência muda ao velho de terno de tweed.

— Eu já não tenho medo do silêncio, Mestre — respondeu Teodoro, mantendo os olhos fixos nos olhos melancólicos do escritor. — Eu encontrei as minhas mil almas nas gavetas deste Gabinete. Eu sei que sou uma multidão.

O Terceiro Guia soltou um sorriso triste, carregado de uma sabedoria que ultrapassara as barreiras da dor. Ele deu um passo à frente, e o corredor das gavetas pareceu recuar, transformando-se em uma planície deserta sob um céu de inverno cinzento.

— Ser uma multidão é fácil quando o tabuleiro está

iluminado, Teodoro — sentenciou o velho, apontando a caneta de prata para o peito do protagonista. — O verdadeiro Lobo da Estepe, a criatura selvagem que habita em você, não é hostil à sociedade porque odeia os homens; ele é hostil porque tem um medo sagrado de ser contaminado pela mediocridade do conforto deles. A solidão que você carregou durante trinta anos não era uma masmorra; era o preço que você pagava para manter a sua alma limpa da hipocrisia do mundo plástico. Se você se perder na celebração das suas mil almas, você esquecerá o valor do seu isolamento sagrado. O homem que quer ser tudo corre o risco de dissolver a sua própria essência no ruído do mundo.

O velho escritor abriu o caderno de páginas em branco diante de Teodoro.

— Aura ensinou você a sentir o corpo. Caleb ensinou você a sentir o tempo. Eu estou aqui para ensinar você a sentir o vazio. Para conquistar o Si mesmo, o equilíbrio real entre o instinto e a razão, você precisa ser capaz de sentar-se sozinho nesta planície deserta, sem música, sem guias e sem aplausos, e ainda assim sorrir para a sua própria sombra.

Você é capaz de suportar o peso de sua própria liberdade quando o teatro mental termina?

Teodoro olhou para a página em branco do caderno do Terceiro Guia. O reflexo do papel parecia uma parede de espelho que exigia uma honestidade absoluta. Ele percebeu que a jornada de sua individuação estava atingindo o seu ponto mais crítico: ele superara a rigidez da razão e o medo do instinto, mas agora precisava superar a dependência das próprias projeções. Aura, Caleb e os mestres haviam sido as muletas necessárias para que ele andasse; agora, diante do arquiteto da solidão, ele precisava aprender a sustentar o próprio peso no vácuo da existência.

Ele respirou o ar frio da planície cinzenta. Olhou para trás e viu Aura e Caleb observando-o à distância, com os rostos serenos de quem cumprira a sua missão. Olhou para a frente e viu o velho escritor esperando pela sua resposta com a caneta de prata em punho.

Teodoro sorriu. Não foi a gargalhada histriônica do palhaço, nem o riso desafiador que soltara diante do barão.

Foi um sorriso silencioso, calmo, carregado de uma aceitação profunda e madura de sua própria condição humana. Ele pegou a caneta de prata das mãos do velho guia.

— Eu sou capaz — disse Teodoro, e sua voz ecoou pela planície como uma nota pura de violoncelo. — Porque eu descobri que a solidão não é a ausência de pessoas; é a presença total de quem eu sou.

Com um movimento firme, Teodoro encostou a ponta da caneta na página em branco do caderno e começou a escrever a primeira linha de sua nova história, usando o seu próprio sangue mental como tinta.

Capítulo 9

O Casamento Alquímico e a Dança dos Opostos

> *"A suprema harmonia não consiste na vitória da luz sobre as trevas, nem da razão sobre o instinto, mas sim no abraço nupcial onde os opostos cessam a sua guerra para gerar a terceira força."*
> *— Fragmentos do Tratado do Gabinete Oculto**

O manuscrito de Teodoro, iniciado com a caneta de prata do Terceiro Guia, pareceu absorver a imensidão da planície cinzenta. À medida que as palavras escritas a sangue mental preenchiam o papel vegetal, o horizonte de inverno começou a se curvar sobre si mesmo, fechando-se como as pétalas de um lótus de ferro e madeira. A planície deserta desfez-se, e Teodoro viu-se de volta ao centro da rotunda monumental de seu Gabinete de Curiosidades Extravagantes. No entanto, o cenário sofrera uma transformação radical. As milhares de portas, gavetas e portinholas que antes sussurravam em dezenas de línguas e texturas diferentes haviam se calado, e suas superfícies de ébano e bronze agora reluziam sob uma iluminação crepuscular, matizada em tons de púrpura e ouro velho.

O tique-taque dos relógios suspensos na cúpula de vidro já não existia, mas o silêncio não era o vácuo gelado que o Terceiro Guia testara; era um silêncio musical, uma pausa grávida de expectativa.

Dois focos de luz distinta cruzaram a praça central do inconsciente. Vinda do corredor que guardava os ecos do clube subterrâneo, Aura adiantou-se. Ela não usava mais o vestido fluido de tons indefinidos que absorvia a chuva; vestia uma túnica de seda branca e diáfana, e seus cabelos castanhos estavam trançados com pequenas folhas de hera fresca. Seus olhos cinzentos traziam a claridade do amanhecer, o Logos da intuição que cura através do sentimento. Vindo do lado oposto, da galeria onde o autômato de porcelana fora estilhaçado, avançou Caleb. Ele não trazia as baquetas de madeira escura ou o tambor de couro cru; vestia uma túnica de linho vermelho-escuro, da cor do sangue arterial, e seus braços fibrosos estavam adornados com braceletes de cobre batido. Suas feições, antes duras e impositivas, carregavam agora a solenidade majestosa de um rei solar.

Eles caminhavam em direções convergentes, tendo Teodoro como o ponto focal e a testemunha daquela aproximação arquetípica. O avaliador de antiguidades compreendeu imediatamente que assistia ao início do ***Casamento Alquímico*** *(Coniunctio), a união mística dos opostos que a psicologia de Jung descrevia como o passo definitivo para a individuação. Aura era a sua Anima, o princípio feminino da sensibilidade e da alma; Caleb era a projeção do Animus da narrativa, a força masculina da ação, do ritmo e da afirmação estruturada.*

"Eles vão se fundir, Teodoro", sussurrou o Sarcástico, e sua voz, agora perfeitamente integrada ao pensamento consciente do protagonista, trazia uma reverência solene, livre de qualquer vestígio de cinismo. "A separação acabou. O homem que você era na superfície morreu na varanda da galeria de arte. O homem que você é aqui embaixo precisa aceitar que a luz e a sombra pertencem ao mesmo sol."

Aura e Caleb pararam a um passo de distância um do outro, exatamente sobre o chão de mármore branco onde os

estilhaços do espelho convexo haviam se derretido. Eles se encararam. Não havia rivalidade ou disputa pelo controle da mente de Teodoro em seus olhares; havia apenas o reconhecimento mútuo de duas metades que haviam passado trinta anos separadas pela barreira de gesso da razão burguesa.

Caleb estendeu a mão direita, com a palma voltada para cima, exibindo as marcas e os calos que o couro dos tambores deixara em sua pele. Aura colocou a sua mão esquerda sobre a dele, com a delicadeza de quem toca uma partitura sagrada. No instante em que suas peles se tocaram, um raio de luz violeta explodiu do ponto de contato, subindo em direção à cúpula de vidro do Gabinete e fazendo com que as estrelas do hemisfério desconhecido começassem a girar em uma dança cósmica.

— O ritmo encontrou a melodia, Teodoro — disse Aura, e sua voz já não vinha apenas de sua boca, mas parecia ecoar de dentro do peito de Caleb.

— E a ação encontrou a sabedoria — completou Caleb, e a

ressonância de suas palavras graves trazia a doçura musical que antes pertencia apenas à sua companheira.

Eles começaram a se mover. Não era a dança livre e caótica sob a chuva do beco, nem o transe percussivo e violento do clube subterrâneo. Era uma dança circular, de passos medidos e simetria matemática, que lembrava tanto a estrutura de uma fuga de Bach quanto a pulsação ancestral de um ritual de fertilidade. A túnica branca de Aura e o linho vermelho de Caleb misturavam-se no ar à medida que eles giravam, criando um turbilhão de cores que desenhava uma mandala de luz flutuante sobre o chão de mármore.

Teodoro sentiu o impacto daquela dança em sua própria carne. Cada movimento do par arquetípico correspondia a uma reorganização molecular em sua psique. Quando Caleb batia o pé no chão, Teodoro sentia a força da agressividade saudável e da coragem subir por suas pernas; quando Aura erguia os braços em um gesto de entrega, ele sentia a capacidade de chorar, de amar e de perdoar a si mesmo expandir-se em seu peito. A rigidez intelectual e o

medo do instinto selvagem estavam sendo triturados e refinados naquela dança de opostos, como metais brutos que são purificados no interior do alambique de Goethe.

À medida que a velocidade do giro aumentava, as formas físicas de Aura e Caleb começaram a perder os seus contornos individuais. O vermelho e o branco fundiram-se em um tom de púrpura imperial que cegava os olhos. O par já não era composto por duas entidades distintas; haviam se transformado em uma única coluna de energia viva, uma espiral hermafrodita que representava a totalidade da natureza humana.

Daquela coluna de luz púrpura, uma única voz ecoou — uma voz que combinava o timbre cristalino de Aura com a gravidade de Caleb, mas que, para o espanto definitivo de Teodoro, era a sua própria voz real, despida de qualquer artifício ou timidez:

— O tabuleiro está pronto, Teodoro. Nós fomos as suas projeções, os seus guias e os seus espelhos. Mas o Gabinete agora pertence a você. Recolha os seus fragmentos e assuma

o centro.

A coluna de luz colapsou sobre si mesma em um estalo silencioso, transformando-se em uma poeira dourada e brilhante que flutuou pelo ar da rotunda antes de ser totalmente absorvida pelos poros da pele de Teodoro.

O avaliador de antiguidades fechou os olhos. Ele sentiu o peso e a densidade daquela união assentar-se em seu centro de gravidade. Ele não se sentia mais fragmentado ou desmembrado em milhares de almas em guerra; a multidão que o habitava continuava ali, viva e pulsante dentro de cada gaveta, mas agora todas as almas respondiam a um comando único, pacífico e soberano. O Ego assustado e arrogante que governara a sua vida na superfície fora destronado, dando lugar ao nascimento do ***Self****, o Si mesmo, o sol central de sua totalidade.*

Quando Teodoro abriu os olhos cinzentos, a praça do Gabinete havia desaparecido. As paredes de portas de carvalho e as estantes infinitas haviam sumido. Ele estava de pé em um espaço sem paredes, sob um céu claro e sem

nuvens onde o sol e a lua brilhavam ao mesmo tempo no firmamento. Diante dele, flutuando a poucos centímetros do chão, repousava uma imensa mandala de pedra polida, dividida em milhares de pequenos quadrados pretos e brancos, semelhante a um tabuleiro de xadrez que se estendia até o horizonte.

No centro do tabuleiro, esperando por ele, estava a sua própria Sombra — o Sarcástico —, que já não tinha a feição de uma criatura cínica ou hostil, mas a postura de um companheiro de viagem fiel que segurava nas mãos a última peça do jogo: o rei de jaspe vermelho.

Capítulo 10

O Jogo de Xadrez das Mil Almas

> *"Quem aceita jogar a partida contra a própria Sombra descobre que o tabuleiro não tem oponentes; cada xeque-mate é um abraço, e cada peça perdida é uma ilusão que se desfaz."*
> *— Fragmentos do Tratado do Gabinete Oculto**

O vento que soprava sobre a planície infinita do tabuleiro não trazia o frio do inverno nem a umidade do beco urbano; era um sopro temperado, levemente perfumado com o cheiro de ozônio e resina de carvalho, as duas substâncias que haviam marcado as fronteiras de sua grande transformação. Teodoro deu o primeiro passo descalço sobre o quadrado de mármore branco polido do imenso tabuleiro que flutuava no vácuo de sua nova consciência. Sob o céu claro onde o sol dourado e a lua de prata coexistiam em um eclipse perpétuo de perfeita harmonia, ele sentiu a solidez da pedra responder ao peso de seu corpo. Ele já não carregava o medo do desabamento ou a pressa neurótica dos relógios mecânicos da superfície. Ele estava no centro de sua própria totalidade.

A poucos metros de distância, no centro exato daquela geometria monumental, a sua Sombra — o Sarcástico — o aguardava.

A criatura que passara trinta anos enclausurada nos porões de sua racionalidade, sibilando cinismo e ódio contra os salões da burguesia moderna, já não vestia o manto de hostilidade que aterrorizara o avaliador de antiguidades no início da jornada. O Sarcástico agora exibia a mesma estatura e as mesmas feições cinzentas de Teodoro, mas os seus olhos carregavam uma vivacidade selvagem e uma ausência total de verniz social que o protagonista passara a vida inteira tentando emular sem sucesso. Ele estava sentado no chão de mármore, com as pernas cruzadas, tendo diante de si a caixa de veludo azul-escuro que o arquivista do quinto capítulo deixara como herança.

— Você demorou para aceitar o convite para sentar-se à mesa, Teodoro — disse a Sombra, e sua voz já não era o sussurro corrosivo de outrora, mas um tom firme, camarada e profundamente familiar, como o eco de um

irmão gêmeo há muito tempo esquecido. — Você precisou quebrar o cravo de porcelana, beber o veneno de Goethe e incendiar o leilão do barão para perceber que a única partida que realmente importava era essa aqui. O mercado de arte lá fora não tem moedas suficientes para comprar o que está guardado nesta caixa.

Teodoro sentou-se à frente de sua Sombra, adotando a mesma postura descontraída e livre da rigidez que o elixir e a dança lhe conferiram.

— Eu não sabia como jogar, meu amigo — respondeu Teodoro, e o termo "amigo" saiu de sua boca com uma naturalidade que fez a Sombra sorrir de forma cúmplice. — Eu passara a vida inteira acreditando que o meu dever era prender você em uma gaveta trancada para manter a minha mente limpa e a minha reputação intacta. Eu achava que você era o inimigo da minha razão.

A Sombra soltou uma risada mansa, pegando a caixa de veludo azul com as duas mãos manchadas de cinzas e abrindo-a com um estalo seco.

— Eu nunca fui o inimigo da sua razão, Teodoro. Eu era apenas a testemunha faminta de tudo o que você jogava fora para parecer um homem perfeito aos olhos dos outros. Toda vez que você engolia um insulto de um cliente ignorante para manter a polidez, toda vez que você sufocava um desejo criativo porque ele não combinava com o rigor de suas teses, você me alimentava com a carne da sua frustração. Eu fiquei forte e cínico porque você me transformou em um depósito de mentiras burguesas. Mas agora que você quebrou o espelho, o jogo mudou. Vamos ver o que sobrou de nós.

O Sarcástico virou a caixa de veludo sobre a superfície de mármore. Centenas de pequenas estatuetas esculpidas em pedras semipreciosas — jaspe, ônix, quartzo e ametista — espalharam-se pelo chão, emitindo o som cristalino e musical de moedas antigas que batem umas nas outras. Eram as mil almas de Teodoro, os fragmentos de sua personalidade desmembrada que ele finalmente aprendera a aceitar no coração do Gabinete.

Cada peça representava uma faceta de seu ser, uma

existência latente que fora arquivada pela sua rigidez puritana. Havia o Teodoro menino, esculpido em um quartzo rosa translúcido, que trazia os olhos marejados de espanto e inocência; havia o Teodoro tirano, em uma pedra de ônix preto e denso, com o cenho franzido e a postura de quem gostaria de governar o mundo com mão de ferro; havia o amante, em uma ametista de tons púrpuras profundos, cujos braços esculpidos pareciam buscar o abraço que a vida na superfície lhe negara; e havia o palhaço triste, em um jaspe vermelho e rugoso, que trazia na boca esculpida a linha do riso que desarma o sofrimento.

— As regras deste jogo não pertencem aos manuais dos campeonatos humanos — explicou a Sombra, pegando a estatueta do Teodoro tirano e posicionando-a sobre um dos quadrados brancos do tabuleiro de mármore. — No xadrez comum, o objetivo é destruir as peças do adversário, caçar o rei e deixar o campo deserto de oponentes. Aqui, o objetivo é o oposto: cada movimento deve servir para integrar uma peça ao centro, permitindo que as mil almas dancem no mesmo ritmo, sem que nenhuma delas tente esmagar as

outras. Eu vou mover os seus excessos, e você vai responder com o seu equilíbrio.

Teodoro olhou para a estatueta de ônix preto que representava o seu tirano interno. O olhar daquela pequena estátua trazia a mesma arrogância fria que o avaliador-chefe exibia quando reduzia a história de uma família a um preço vil em seus catálogos de arte contemporânea.

— Comece a partida — ordenou Teodoro, estendendo a mão para o quartzo rosa do menino.

A Sombra moveu o Teodoro tirano três casas para a frente, adentrando o território da luz dourada do sol. O movimento foi acompanhado por um som surdo de bronze que ecoou pelo firmamento, e as paredes invisíveis da Galeria Alencastro pareceram pulsar por um instante na mente do protagonista, trazendo a lembrança dos burgueses vazios que o cercavam.

— O seu tirano exige o controle absoluto, Teodoro — desafiou o Sarcástico, cruzando os braços e fixando seus

olhos selvagens no protagonista. — Ele quer voltar para o púlpito. Ele quer o martelo de marfim. Ele quer ditar as regras do bom gosto e humilhar os ignorantes para vingar-se da própria solidão. Se você o deixar livre, ele transformará as suas mil almas em um exército de gesso que vai soterrar a Aura e o Caleb no primeiro amanhecer. Como você vai contê-lo sem usar a força da masmorra?

Teodoro contemplou a peça de ônix com uma serenidade madura. O impulso antigo de sua razão teria sido reprimir o tirano, empurrá-lo de volta para a gaveta sem fundo e trancá-lo com a chave do dever moral. Mas ele aprendera com Goethe que o animal reprimido apenas acumula fúria na escuridão. Ele pegou a estatueta do Teodoro menino em quartzo rosa e posicionou-a exatamente na casa adjacente ao tirano de ônix.

No instante em que o menino tocou o quadrado ao lado do opressor, a luz do sol e da lua cruzaram-se sobre as duas pedras. A rigidez da estatueta de ônix pareceu suavizar-se sob o reflexo do quartzo rosa. O tirano já não parecia um monstro de arrogância; ele revelou-se como o escudo

endurecido que o menino assustado construíra para proteger a sua sensibilidade contra as agressões de um mundo utilitário. O tirano era apenas a casca; o menino era a polpa.

— O tirano não precisa de punição, Sombra — disse Teodoro, e sua voz tinha a segurança de quem compreendia a arquitetura secreta de sua própria história. — Ele precisa apenas lembrar do motivo pelo qual nasceu. Eu integro a autoridade do tirano à inocência do menino. A partir de agora, a força que governava com desdém usará a sua energia para proteger a beleza que não tem preço.

A Sombra soltou uma gargalhada vibrante, um som de puro alívio que fez com que as duas estatuetas de pedra se fundissem em uma terceira peça única, esculpida em um jaspe multicolorido que unia a força do preto com a suavidade do rosa.

— Um excelente movimento, avaliador! — exclamou o Sarcástico, batendo as palmas das mãos no mármore. — Você aprendeu a lição do alambique. Os opostos não se

destroem; eles se refinam. Mas vejamos como você lida com a dor que guardou na gaveta de seda.

A Sombra estendeu a mão esquerda e pegou a estatueta de ametista que representava o amante reprimido, jogando-a no centro do tabuleiro, em um quadrado negro que estava sob a influência direta da luz prateada da lua. Dali de dentro, o eco da lavanda e do tabaco fresco voltou a invadir a consciência de Teodoro, trazendo consigo o fantasma da solidão absoluta daquela biblioteca deserta onde ele passara as suas madrugadas em claro, fingindo que a poesia estéril bastava para aquecer o seu peito de esteta.

— O seu amante está faminto de carne e de toque, Teodoro — instigou a Sombra, inclinando o corpo para a frente. — Ele passou trinta anos ouvindo o tique-taque dos relógios secos que diziam que o amor era um erro geométrico que desorganizava as teses da galeria. Se você o deixar solto sem o ritmo, ele se transformará em uma fúria de ciúmes que vai esfaquear a Aura na primeira noite de baile, assim como o Lobo da Estepe fez em seus delírios dramáticos. Como você vai dar voz ao desejo sem permitir que ele

destrua a estrutura que Caleb construiu?

Teodoro olhou para a ametista púrpura que vibrava no mármore negro. A lembrança do crime absurdo que Hesse descrevera em sua obra-prima cruzou o seu pensamento, mas ele não sentia a angústia trágica do autor alemão. Ele estava no controle de seu tabuleiro. Ele estendeu a mão e pegou a estatueta de jaspe vermelho que representava o palhaço triste — a personificação do Humor supremo que Pablo lhe ensinara através da sabedoria do Teatro.

Teodoro posicionou o palhaço exatamente na frente do amante de ametista.

Quando as duas pedras se encararam na penumbra do eclipse, a solenidade dolorosa do amante foi atingida pela linha irônica da boca do palhaço. O drama do desejo não correspondido e o pavor da rejeição social pareceram subitamente desprovidos de peso metafísico. O palhaço mostrou ao amante que o amor não é uma tragédia wagneriana que exige o sacrifício do sangue ou a autodestruição; o amor é um jogo leve, uma dança de

improviso que deve ser jogada com a síncope do jazz e o desapego de quem sabe que a vida é curta demais para ser vivida com o semblante de um juiz inflexível.

O amante de ametista olhou para o palhaço de jaspe e, através do reflexo do vidro lapidado, a sua melancolia transformou-se em um sorriso sincero. A dor da solidão dissolveu-se na capacidade de rir de seus próprios dramas românticos.

As duas peças fundiram-se em uma espiral de quartzo esfumaçado que brilhava com a cor do ouro velho, a cor da sabedoria que aceita a fragilidade humana com um abraço de tolerância.

A partida prosseguiu por horas que pareciam compassos e compassos que se estendiam por séculos. A Sombra movia os fragmentos do medo, da inveja, da avareza e do orgulho erudito; Teodoro respondia posicionando os fragmentos da dança, da música, da poesia viva e do riso alquímico que colhera em sua descida aos porões. A cada movimento, o tabuleiro de mármore ia se preenchendo não com os

cadáveres das peças capturadas, mas com a união harmoniosa das milhares de almas que antes guerreavam pelo controle daquela mente solitária.

As estatuetas de pedras semipreciosas iam se rearranjando de forma fluida, desenhando sobre o chão do inconsciente uma mandala viva de geometrias dinâmicas que refletia a totalidade do Si mesmo (Self). Teodoro já não precisava escolher entre ser o homem culto ou o lobo selvagem; ele compreendera que a saúde da mente residia na liberdade de ser o menino, o tirano, o amante, o cientista e o palhaço, combinando as peças do jogo de acordo com o ritmo que a calçada real exigia.

Finalmente, restavam apenas duas peças no centro do tabuleiro de mármore infinito: o rei de jaspe vermelho, que a Sombra segurava desde o início do capítulo, e a rainha de quartzo hialino, branca e perfeitamente transparente, que Teodoro guardara em sua mão direita como o símbolo de sua consciência purificada pelo desapego de vidro.

A Sombra ergueu o rei de jaspe vermelho e colocou-o no

quadrado central do eclipse, exatamente na linha onde o sol e a lua fundiam as suas luzes.

— Este é o último movimento, avaliador — disse o Sarcástico, e seu rosto cinzento brilhava agora com a mesma luz dourada que emanava da pele de Teodoro. — O rei é o instinto bruto, a força que dita o sangue e o desejo selvagem de existir fora das regras da sociedade de plástico. A rainha que você carrega é a razão límpida, a erudição que sabe o valor da história e a geometria que organiza o caos do mundo. Se eles continuarem separados, a partida termina em empate e o Gabinete volta a ser um depósito de antiguidades trancadas. Coloque a rainha no centro. Deixe que o casamento definitivo aconteça no tabuleiro das almas.

Teodoro adiantou a mão direita. Seus dedos já não tremiam como na varanda da galeria de arte. Com a firmeza de quem compreendia o sentido de cada queda e de cada risada da jornada, ele posicionou a rainha de quartzo transparente exatamente ao lado do rei de jaspe vermelho.

No instante exato do toque, o tabuleiro de xadrez emitiu uma nota musical pura, um acorde perfeito que combinava a geometria sagrada das fugas de Bach com a síncope visceral dos tambores de Caleb e a doçura do trompete de Aura. O rei e a rainha não se fundiram em uma nova estátua de pedra; eles se dissolveram em um fluxo de luz violeta e dourada que cobriu toda a extensão da planície infinita, apagando os quadrados pretos e brancos do mármore e transformando o chão em um espelho plano, límpido e transparente que refletia a totalidade do cosmos e a imagem de um homem inteiro que aprendera a rir de si mesmo.

Teodoro olhou para a sua Sombra e estendeu a mão direita. O Sarcástico levantou-se, sorriu e segurou a sua mão com um aperto firme e fraterno. As duas figuras fundiram-se em um único corpo de carne, osso, sangue e espírito. O desmembramento terminara. As mil almas haviam encontrado o seu ponto de equilíbrio no coração do Si mesmo.

Capítulo 11

O Tribunal dos Imortais e a Sentença do Riso

> *"O maior crime do homem não é a sua incapacidade de ser perfeito, mas a solenidade trágica com que ele julga os seus próprios erros, esquecendo-se de que os deuses só toleram a terra porque sabem rir da sua própria criação."*
> *— Fragmentos do Tratado do Gabinete Oculto**

O espelho de luz violeta e dourada que cobrira o tabuleiro de xadrez começou a condensar-se, transformando o horizonte infinito da planície em uma nova arquitetura solene. Teodoro não sentiu o sobressalto do medo ou a desorientação do delírio; seus pés descalços, agora firmemente integrados à sua Sombra, pisaram um assoalho de pedra escura e polida que lembrava o chão das antigas catedrais medievais. As paredes do Gabinete de Curiosidades Extravagantes reapareceram, mas não exibiam mais as mil portas ou as gavetas sem fundo do desmembramento. Elas erguiam-se em colunas monumentais de granito cinza que subiam a uma altura impossível, sustentando uma abóbada gótica onde o sol e a

lua do eclipse perpétuo projetavam sombras longas e dramáticas.

Teodoro encontrava-se no centro do ***Tribunal dos Imortais****, o espaço arquetípico onde a psique realiza o seu julgamento definitivo antes de permitir o retorno do indivíduo à superfície do mundo real.*

No fundo do salão de granito, sentados em um semicírculo de três tronos esculpidos em blocos maciços de gelo transparente, estavam os juízes de sua jornada. À esquerda, vestindo a casaca escura e a peruca branca, repousava a representação purificada de Bach; ele já não exibia o rosto de porcelana fria ou as engrenagens de bronze do autômato destrutivo, mas sim o semblante sereno, sábio e severo de quem compreendia que a ordem musical era apenas uma das vestes da divindade. À direita, com a sobrecasaca cinza de alquimista, sentava-se Goethe, cujos olhos negros e brilhantes vigiavam o alambique de cobre que agora repousava no chão de pedra, exalando um vapor sutil de cor púrpura. E no centro, no trono mais alto, estava o Terceiro Guia, o velho escritor de terno de tweed gasto, que

trazia sobre os joelhos o caderno de páginas de papel vegetal onde Teodoro escrevera a sua própria história.

Atrás de Teodoro, posicionados como testemunhas silenciosas e sorridentes daquela sessão de julgamento, permaneciam Aura e Caleb. A túnica branca de sua Anima e o linho vermelho de seu mestre do ritmo reluziam sob a penumbra gótica, enviando ondas de calor tátil que sustentavam a coluna vertebral do protagonista.

O Terceiro Guia ergueu a caneta de prata e bateu duas vezes com a haste de metal contra o braço do trono de gelo. O som ecoou pelo salão de granito como o bater de um carrilhão antigo, silenciando o sussurro do vento que sobrava pelas frestas das colunas.

— Teodoro Alencastro — pronunciou o escritor de terno de tweed, e sua voz, embora mansa e profunda, trazia a autoridade daqueles que já transpuseram as barreiras do tempo e da vaidade humana. — O inventário de sua mente foi concluído. O Gabinete de Curiosidades Extravagantes abriu todas as suas gavetas sem fundo e revelou o mosaico

das mil almas que vestem o seu nome. Você quebrou o gesso da Persona burguesa, estilhou o cravo das regras gélidas e abandonou o leilão do barão, lançando a porcelana de Meissen contra o mármore da vaidade social. A sua antiga vida na superfície está reduzida a escombros.

Teodoro deu um passo à frente, mantendo os braços caídos ao lado do corpo, relaxados e desprovidos da rigidez cerimoniosa que antes marcava a sua postura de avaliador-chefe. Ele olhou para os três imortais nos tronos de gelo e percebeu que a sua Sombra, agora fundida à sua carne, pulsava em seu peito com a força de um coração de leão.

— Eu aceito o estrago, Mestre — respondeu Teodoro, e sua voz preencheu o espaço com uma clareza e uma modulação musical que desafiavam a gravidade do tribunal. — O catálogo que eu protegia era o registro de uma mentira bem decorada. Eu prefiro a loucura do meu desmembramento à segurança daquela redoma de plástico onde os homens morrem de conforto.

Bach inclinou a cabeça enfaixada pela peruca branca, e os seus olhos cinzentos — que agora eram apenas os olhos de um sábio antigo, e não mais o espelho distorcido de Teodoro — adotaram uma expressão de rigorosa tolerância.

— A quebra do instrumento foi um ato de violência necessário, Teodoro — disse o compositor alemão, e o som de suas palavras lembrava o contraponto de um órgão de igreja que ressoa na penumbra. — Você precisava silenciar a música de gesso que usava como muro para compreender que a verdadeira harmonia universal não teme a síncope da calçada ou a lama do beco subterrâneo. Mas o crime contra a ordem exige uma sentença. O homem que decide viver como uma multidão não pode ser absolvido pelas leis da simetria.

Goethe soltou uma risada mansa, pegando o cálice de cristal grosso que servira para batizar o protagonista no terceiro capítulo e erguendo-o na direção do trono central.

— Não fale de leis de simetria com tanta severidade, meu caro Johann Sebastian — interveio o alquimista das

paixões, e o seu rosto sulcado por rugas históricas brilhava com o calor do fogo azul do pavio. — Teodoro bebeu o extrato da contradição humana. Ele sentiu o peso do corpo através da dança de Aura e o peso do tempo através dos tambores de Caleb. Ele descobriu que a virtude não reside na negação do animal, mas sim na sua destilação espiritual no tabuleiro de xadrez da alma. Ele cometeu o mais belo dos crimes: ele atreveu-se a ser humano diante de uma sociedade de autômatos de plástico. A sua punição deve ser compatível com a sua audácia.

O Terceiro Guia abriu o caderno de páginas de papel vegetal e passou os dedos longos sobre a escrita a sangue mental que Teodoro deixara na planície cinzenta. Ele olhou para o protagonista com uma melancolia terna, que logo se transformou em uma ironia cortante, a sabedoria definitiva daqueles que compreenderam que a existência moderna é uma comédia divina cujas regras são escritas por deuses que sabem rir de si mesmos.

— O réu é culpado — sentenciou o escritor de terno de tweed, e um sorriso largo e luminoso desfez a severidade de

suas feições grisalhas. — Ele é culpado de ter levado a si mesmo e ao seu sofrimento existencial a sério demais durante quase cinquenta anos. Ele é culpado de ter transformado a sua solidão sagrada em uma tragédia wagneriana, e de ter acreditado que a sua arrogância intelectual o tornava superior aos homens comuns que chafurdam na mediocridade do conforto burguês. Teodoro Alencastro esqueceu-se da lição fundamental do Teatro Mental: a cura para o desmembramento não é a autodestruição, nem o isolamento e nem a vaidade do sofrimento incompreendido. A cura é o Humor.

O velho escritor ergueu a caneta de prata e apontou-a para o centro do peito de Teodoro. No mesmo instante, os três tronos de gelo transparente começaram a derreter sob o calor de uma luz dourada que brotou do próprio granito do chão. Bach, Goethe e o Terceiro Guia levantaram-se de seus lugares, e os seus rostos severos desfizeram-se em expressões de uma hilaridade contagiante, soltando gargalhadas sonoras, rítmicas e libertadoras que ecoaram pelas colunas de granito do tribunal, fazendo com que a

abóbada gótica começasse a rachar e a desabar em uma chuva de confetes prateados e folhas secas de outono.

— Esta é a sua sentença, avaliador de antiguidades! — exclamou o Terceiro Guia, e seu riso misturava-se ao som do trompete de Aura e aos tambores de Caleb, que agora voltavam a pulsar com a síncope do jazz no fundo do salão. — Você está condenado a viver na superfície do mundo real, a caminhar entre os burgueses de plástico do barão de Alencastro, a ver a mediocridade das galerias de arte e a ouvir as conversas vazias dos salões... mas está condenado a fazer tudo isso ***rindo de si mesmo****. Você está condenado a não levar o seu próprio drama a sério nunca mais. Você está condenado a jogar o xadrez das suas mil almas com a leveza de um palhaço triste que sabe que o tabuleiro é apenas um jogo de improviso.*

Teodoro sentiu a sentença atingir o seu estômago como uma lufada de vento fresco. A solenidade trágica que moldara a sua crise existencial, o peso metafísico de sua solidão e a dor de sua divisão interna dissolveram-se instantaneamente na atmosfera daquela gargalhada coletiva dos imortais. Ele

percebeu a tolice monumental de sua antiga Persona: o homem culto que se escondia atrás de Bach para não ter que enfrentar a lama da calçada, o homem que transformara a sua incapacidade de amar em uma tese de estética refinada.

O riso brotou de suas entranhas com uma força vulcânica. Teodoro jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada sincera, alta, vibrante e absurdamente livre que cortou o granito das colunas e desfez o teto gótico do tribunal. Ele ria de sua gravata borboleta, ria de seus vasos Ming falsificados, ria do barão enfurecido, ria do Guardião de Cinzas e, acima de tudo, ria da gravidade ridícula com que passara a vida inteira julgando os seus próprios desejos.

O salão de granito desmoronou por completo em uma cascata de luz violeta e notas sincopadas de jazz. Os tronos de gelo desapareceram na poça de água do alambique, e as figuras dos imortais transformaram-se em pequenas peças de xadrez que flutuavam no ar ao redor de sua consciência purificada.

Teodoro estava caindo novamente, mas a queda já não causava vertigem ou terror. Ele despencava em direção à superfície, atravessando as camadas de fumaça de tabaco, o vapor da rua e a chuva mansa da noite urbana, sentindo o seu corpo de carne e osso restabelecer o contato com a densidade da matéria real. Ele já não era o homem único e isolado; ele era a sua própria multidão integrada, voltando para o mundo dos vivos com o martelo do humor supremo nas mãos.

Capítulo 12

A Sinfonia do Riso e o Retorno do Lobo

> *"Não há porto seguro na razão pura, nem salvação no instinto selvagem; a eternidade é o instante em que o homem se aceita como um mosaico de poeira e estrelas e descobre que o segredo da vida é aprender a dançar na própria corda bamba."*
> *— Anotações finais no diário de Teodoro**

O impacto do retorno à matéria real não teve a crueza de uma queda, mas a suavidade de uma pálpebra que se abre diante do amanhecer. Teodoro puxou o ar com força, sentindo a expansão física de seus pulmões de carne e osso. O cheiro de ozônio, fumaça de tabaco barato e o vapor púrpura do alambique de Goethe haviam se dissipado por completo, substituídos pelo aroma familiar, seco e aristocrático de couro envelhecido, cera de abelha e papel antigo.

Ele não estava mais deitado no chão de terra batida do clube subterrâneo, nem pisando o mármore infinito do tabuleiro de xadrez arquetípico. Teodoro encontrava-se sentado em sua poltrona de jacarandá estofada em couro

verde-oliva, no centro de seu escritório particular nos fundos da Galeria Alencastro.

A tempestade que desabara sobre a cidade durante o leilão beneficente havia cessado, deixando apenas o som rítmico, manso e compassado das últimas gotas de chuva batendo contra as vidraças altas da janela colonial. A luz cinzenta e fria da madrugada nascente começava a infiltrar-se pelas frestas das cortinas de veludo pesado, riscando o chão de tábuas corridas com linhas pálidas que iluminavam a poeira em suspensão.

Teodoro olhou para as próprias mãos. Elas já não sangravam por causa das lascas do cravo destruído e não traziam as manchas de cinza da Sombra; as palmas estavam limpas, os dedos longos e finos seguravam uma pequena lupa de aumento com cabo de ébano e, sobre os seus joelhos, repousava o catálogo de couro preto do leilão que ele abandonara em seus delírios mentais.

O relógio de carrilhão francês fixado na parede de carvalho bateu as badaladas necessárias para anunciar o início de

um novo dia. O som do bronze ecoou pelo escritório deserto, mas, para Teodoro, aquele eco já não parecia oco ou asfixiante como no primeiro capítulo. O tempo mecânico e utilitário da superfície recuperara o seu fluxo normal, mas a sua mente já não era prisioneira daquela regularidade burguesa. Ele aprendera o alfabeto do corpo com Aura e Caleb; ele sabia que, por trás da contagem dos minutos comerciais, o seu coração pulsava no contratempo livre do jazz subterrâneo.

"Estamos de volta ao museu, avaliador", murmurou uma voz dentro de sua cabeça.

Teodoro sorriu ao ouvir o chamado. Não era o sussurro corrosivo, hostil e envenenado do Sarcástico que o atormentara durante trinta anos de isolamento puritano; era a voz de sua própria Sombra selvagem, agora integrada à sua consciência consciente após a partida de xadrez no décimo capítulo. O Lobo e o Homem culto haviam cessado a sua guerra civil. Eles coexistiam no mesmo peito, o cinismo saudável da criatura servindo como um anticorpo vital contra a hipocrisia dos salões de espelhos

da sociedade de plástico, enquanto a erudição do esteta organizava a beleza que o instinto colhia na lama da calçada.

Teodoro levantou-se da poltrona de couro com um movimento ágil, flexível e totalmente desprovido da rigidez paralisante que antes travava os seus ombros aristocráticos. Suas roupas de gala continuavam em seu corpo, mas o nó da gravata borboleta estava frouxo e o colarinho de linho permanecia aberto, um rastro físico da liberdade que ele conquistara nos porões de seu inconsciente. Ele caminhou até a grande mesa de trabalho e deixou a lupa de ébano repousar ao lado de uma sonata de Bach que permanecia aberta sobre o suporte de metal.

Ele olhou para a partitura alemã. A geometria das notas musicais nas páginas amareladas já não lhe parecia uma masmorra de gesso projetada para protegê-lo do calor dos sentimentos simples. Ele compreendera, após o colapso do autômato de porcelana e o julgamento dos imortais, que a ordem matemática de Bach e o caos visceral do jazz subterrâneo pertenciam à mesma busca pela totalidade

humana. A razão e o instinto eram as duas mãos do mesmo percussionista cósmico que ditava o ritmo da criação.

Teodoro aproximou-se da janela e puxou o cordão de veludo, abrindo as cortinas pesadas de uma só vez. A claridade da manhã invadiu o escritório deserto, revelando o contorno da cidade moderna que despertava lá fora. Os prédios cinzentos de concreto, as avenidas de asfalto higienizado e os carros que começavam a circular representavam o conforto vazio da burguesia que ele tanto desprezara. Mas o veneno da amargura e do isolamento aristocrático fora neutralizado pela sentença do riso que o Terceiro Guia proferira no tribunal de gelo.

Ele olhou para a calçada molhada do beco dos fundos, exatamente onde vira Aura dançando descalça sob a chuva e Caleb batucando o tempo no latão de ferro. O beco estava deserto agora; havia apenas algumas poças de água barrenta que refletiam a luz pálida do céu de inverno. Aura e Caleb haviam desaparecido como entidades físicas independentes porque haviam cumprido a sua missão arquetípica: a sua Anima feminina e o seu Animus do

ritmo haviam sido absorvidos por seus poros, fundindo-se no casamento alquímico que dera nascimento ao seu Self, o Si mesmo soberano e equilibrado. Eles já não habitavam o mundo externo; eles eram as forças que governavam as milhares de portas de seu Gabinete interno.

Teodoro percebeu que a sua individuação não o transformara em um santo isolado em uma montanha metafísica, nem em um herói trágico que morre de orgulho incompreendido. A verdadeira iluminação junguiana consistia na capacidade de retornar à superfície, de vestir a máscara social da Persona quando o protocolo exigisse, de circular entre os burgueses de plástico do barão de Alencastro, de catalogar os vasos Ming e as porcelanas de Meissen... mas fazer tudo isso mantendo um distanciamento humorístico, uma ironia sagrada que impede a alma de ser contaminada pela mediocridade do conforto moderno.

Ele já não tinha medo da solidão da biblioteca, porque descobrira que o quarto fechado estava repleto com a presença total de suas mil almas; e já não tinha medo do

ruído da multidão, porque o seu centro de gravidade estava solidificado no tabuleiro das pedras semipreciosas. Ele era o esteta que chorava ouvindo Bach, o selvagem que uivava contra a hipocrisia, o menino do jardim de quartzo rosa, o amante faminto de ametista e o palhaço triste que sabe desarmar o sofrimento com uma piada inteligente. Ele era a sua própria multidão integrada.

Teodoro abriu a gaveta central de sua escrivaninha de jacarandá. Lá dentro, repousava o martelo de marfim do leilão e um pequeno espelho de bolso com moldura de prata antiga. Ele pegou o espelho e olhou para o próprio reflexo.

O rosto que o encarava tinha as mesmas feições de um homem de quase cinquenta anos, as marcas do tempo ao redor dos olhos cinzentos e os cabelos castanhos ligeiramente grisalhos nas têmporas. No entanto, o desdém amargo, a altivez aristocrática e a melancolia cinzenta que antes congelavam a sua fisionomia haviam desaparecido por completo. Os seus olhos cinzentos brilhavam agora com a mesma eletricidade viva que o elixir de Goethe acendera em suas veias, e os cantos de seus lábios estavam

permanentemente moldados por uma linha de ironia mansa e tolerante.

Teodoro olhou para a própria importância acadêmica, pensou no barão enfurecido com a estatueta de Meissen quebrada no tapete persa e soltou uma risada mansa, contida e profundamente sincera que preencheu o silêncio do escritório. Era a sinfonia do riso, o humor supremo dos imortais que aceita a fragilidade da condição humana com uma gargalhada de cumplicidade.

"O jogo vai começar de novo, Teodoro", disse a Sombra em seu peito, espreguiçando-se como um lobo que desperta após uma longa caçada noturna. "A galeria vai abrir as portas em uma hora. Os compradores de gesso estão alinhando os talões de cheque na calçada."

— Que venham os compradores de gesso, meu caro amigo — respondeu Teodoro em voz alta, e o som de suas próprias palavras tinha a cadência firme e descontraída dos tambores de Caleb. — Nós temos peças suficientes no nosso tabuleiro para jogar qualquer partida que eles nos

propuserem. E, se eles tentarem nos trancar em suas caixas de plástico, nós lembraremos a eles como se quebra a porcelana.

Teodoro guardou o espelho de prata na gaveta, pegou o paletó de gala que jogara sobre o encosto da cadeira e vestiu-o sem pressa, mantendo o colarinho aberto e a gravata frouxa como a sua nova assinatura existencial. Ele caminhou até a porta principal do escritório que dava para os salões de exposição da galeria.

Antes de girar a chave de bronze da fechadura, ele parou por um breve segundo, fechou os olhos cinzentos e ouviu o sussurro harmonioso que vinha de dentro de sua própria mente: as mil portas do Gabinete de Curiosidades Extravagantes estavam escancaradas, e delas não vinha o pânico do desmembramento, mas a música integrada de uma alma que aprendera a rir do próprio drama para poder, finalmente, começar a viver.

Teodoro girou a chave, empurrou a madeira pesada e deu o primeiro passo firme em direção ao novo dia, com a leveza

de um lobo que aprendeu a dançar o jazz na superfície da terra firme.

Epílogo

O Inventário do Novo Dia

A galeria Alencastro abriu as suas portas pesadas de carvalho às oito horas da manhã, exatamente como fizera nos últimos vinte anos. O sol de inverno lavava os tapetes persas e iluminava os bustos de mármore com uma claridade limpa e indiferente aos dramas humanos. O barão de Alencastro cruzou o saguão, exibindo o mesmo semblante pomposo, ignorando os fragmentos de gesso da estatueta de Meissen que haviam sido varridos de madrugada. Ele olhou para Teodoro, esperando encontrar o avaliador-chefe assustado ou uma retratação formal pela quebra do protocolo da noite anterior.

Teodoro, contudo, limitou-se a fazer uma reverência leve e perfeitamente polida com a cabeça. Seu paletó de gala fora substituído por um casaco de tweed confortável, seu colarinho permanecia sem gravata e os seus olhos cinzentos traziam uma eletricidade mansa. Ele não proferiu discursos ou insultos; apenas olhou para o barão através do

vidro transparente de seu novo desprezo e soltou uma risada silenciosa, interna e soberana.

O Sarcástico piscou dentro de sua consciência. Teodoro pegou a sua lupa de ébano e voltou ao inventário das relíquias, mas agora ele jogava o jogo com as regras do seu próprio tabuleiro. O Lobo retornara à superfície, mas já não uivava de dor na estepe da solidão; ele caminhava de terno e passos firmes entre os homens de gesso, protegido pelo escudo indestrutível do humor supremo que sabe rir da própria comédia da vida.

Nota do Autor

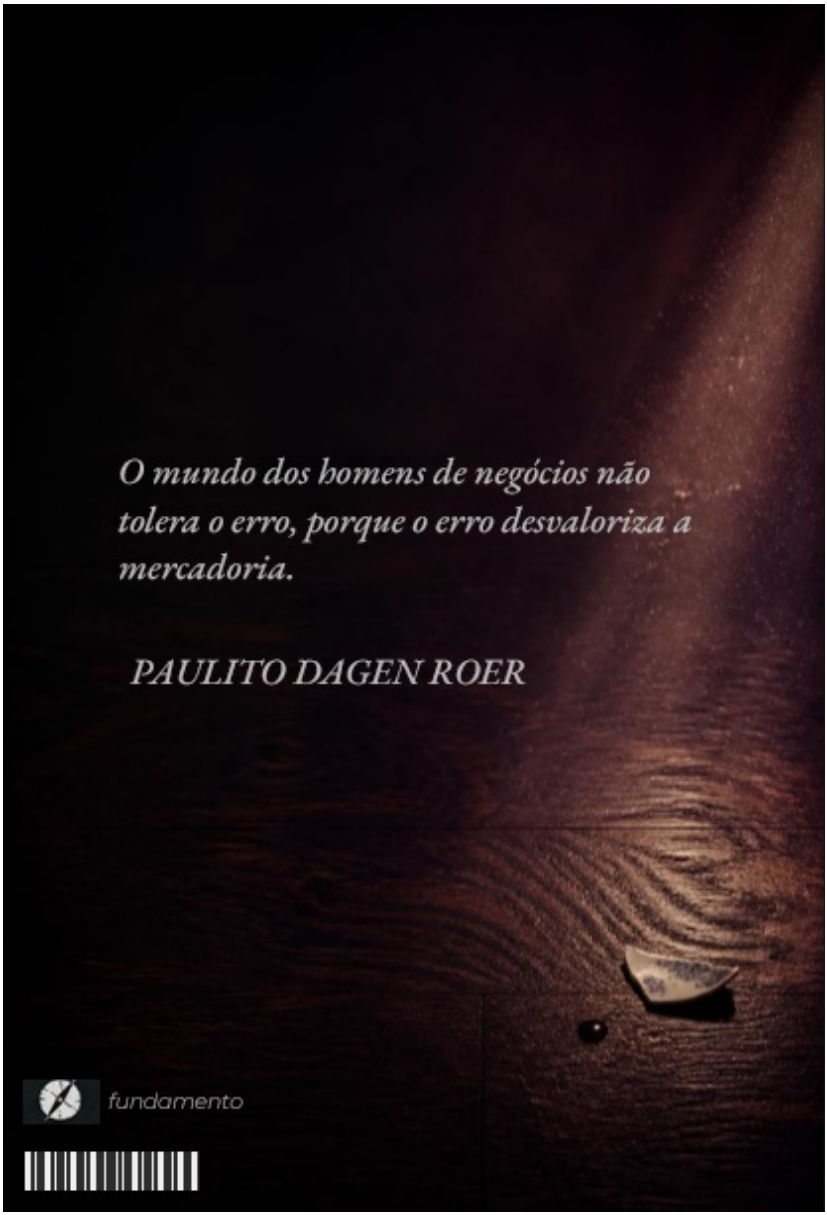
O Tabuleiro Invisível

Este romance não foi escrito na solidão estéril de uma biblioteca deserta, mas construído passo a passo como uma arquitetura viva em cooperação com o olhar do leitor. Cada escolha de ritmo, tamanho de parágrafo, disposição de fontes e quebras de capítulos funcionou como uma gaveta real que se abria no Gabinete de Curiosidades Extravagantes de nossa própria criação literária.

Ao darmos nomes a Teodoro, Aura e Caleb, buscamos resgatar não as entidades fixas da literatura tradicional, mas a dinâmica fluida dos arquétipos que habitam o inconsciente de cada um de nós. Que as linhas deste manuscrito, agora assentadas na sobriedade e na elegância da fonte EB Garamond, sirvam não como um catálogo definitivo de respostas existenciais, mas como um convite para que cada leitor encontre a coragem de quebrar o próprio gesso, descer aos seus próprios subterrâneos e aprender, finalmente, a rir de seus próprios dramas sob a

chuva do mundo real.

FIM


O mundo dos homens de negócios não tolera o erro, porque o erro desvaloriza a mercadoria.
PAULITO DAGEN ROER
fundamento